ANNO XXVII — N.º 12
Rio, 25 de Março de 1933
— PREÇO: 1$000 —

# O conto brasileiro

## ANALOGIA

De GILBERTO VEIGA

MARIO DE AZEVEDO GAMA, ou simplesmente Gaminha na intimidade, era casado com respeitavel matrona, quatorze annos mais velha que elle. Na época em que esta historia se passou, Mario contava, já quarenta e oito annos bem puxados. Junte-se a essa idade as attribulações do seu espirito, que sempre viveu ás voltas com adversidades de toda ordem, e teremos o velho Gaminha, a despeito de ter vivido relativamente pouco. Traçado o perfil physico de Mario de Azevedo Gama, descreveremos, ligeiramente, o que era elle por dentro. Indolente como um gato de luxo. Sem a minima perseverança para coisa alguma e sem a menor força de vontade para o que quer que fôsse. Habituado desde garôto a comer o pão negro do trabalho pouco remunerado, ao casar-se, unicamente por dinheiro, viu-se, de um momento para outro, senhor de algumas centenas de apolices da divida publica e de alguns predios bem situados e regularmente rendosos. Com isso augmentou consideravelmente a sua preguiça e o seu relaxamento, deixando-se ficar em casa, commodamente, em pyjama, cuidando, quando muito, dos passarinhos engaiolados e alimentando os peixes do aquário. D. Philomena da Silva Gama, a dignissima esposa do Gaminha, casada em segundas nupcias, deu ao novo marido, além de regular fortuna, um casal de rebentos do primeiro consorcio. Flavio e Guiomar eram os nomes dos filhos amados e mimados de d. Philomena. Elle tinha vinte e ella dezoito annos. Essas creaturas mal educadas, voluntariosas, acostumadas a fazer o que bem entendiam, traziam o pobre Gaminha num circulo de fogo, impondo-lhe, constantemente, a pena de Talião. Não lhe davam uma folga. *Por dá cá aquella palha* cobriam o infeliz homem de improperios, chamando-o mandrião, vadio, explorador, de quanto adjectivo ridicularizador existe.

A principio, Mario subia a serra da revolta e, vermelho como um perú ou um camarão tostado, ameaçava céus e terra, sem, jamais, pôr em execução qualquer das suas ameaças. D. Philomena, nos momentos mais criticos, intervinha, conselheira, quando não entrava na *dança* para reprehender severa e brutalmente o *intruso*:

"Que era que elle estava pensando? A casa era della, os filhos do mesmo modo e o pão que elle proprio comia devia ao defunto seu marido! Tinha, portanto, o dever de portar-se direitinho e deixar os meninos em paz e de uma vez, sinão ella entornaria o caldo!" Gaminha, após taes e tão irretorquiveis argumentos, *mettia a viola no sacco*, como se diz na gyria, e amargava a sorte ingrata...

Certo dia, resolveu pensar melhor sobre a sua situação conjugal e tirar partido da sua condição pouco lisonjeira, de marido sem voz altiva. E concertou, com seus proprios raciocinios, levar a vida da melhor maneira, sem se incommodar com o que fizessem de bom ou de mau mãe e filhos. Assim, o Gaminha, com surpreza e espanto de todos, appareceu, certa manhã, inteiramente transformado. Era, positivamente, outro. Podiam arrancar-lhe a cadeira onde dormitava calmamente, que elle continuaria a dormir sobre o tapete, sem uma queixa, sem uma revolta.

Para elle, para a sua indifferença de gato, tanto fazia bem Guiomar entrar ás nove horas da noite como ás quatro da madrugada. No que se refere ao rapaz, então, era um padrasto que se podia chamar *camarada*. Deu, tambem, o mesmo desprezo á sua cara-metade. Vivia em casa, de ouvidos moucos aos insultos e de estomago repleto. Assim, á semelhança de um cão que devora um prato de comida, após um pontapé grosseiro...

Viveu o Gama essa vida vegetativa e ociosa nada menos de nove annos, quando, certa noite, d. Philomena deixou o ról dos vivos, indo juntar-se ao eternamente lamentado marido, victimada por um ataque apopletico. Gama chorou lagrimas *doridissimas*. Cahiu sobre o caixão da morta cobrindo-a de beijos e adeuses de *saudade imperecivel*, até que, emfim, levaram aos sete palmos do nada d. Philomena da Silva Gama, que, em tumulo de marmore preto, tem epitaphio dourado de *recordação indelevel* no coração dos vivos.

Eu não devia tocar na sensibilidade do viuvo nestas linhas, uma vez que, como eu, o leitor poderá avaliar o folego que elle tomou com o desapparecimento da... *adorada esposa*. Mas, para descargo de consciencia, devo dizer que o Gaminha passou a viver abençoando a morte que, em momento tão opportuno, o livrou do estafermo da mulher. Com a herança que lhe coube na partilha, Gaminha deixou *um pouco* a inercia que o comia, abandonou inteiramente os filhos do "outro" á sua propria orientação, á sua propria sorte, e tratou unicamente de si. Tratou de garantir-se para o resto da vida. Mas, o destino, esse eterno atrapalhador das coisas e dos calculos humanos, veiu, mais depressa que o Gama esperava, estorvar-lhe os planos.

Estabeleceu-se. Estabeleceu-se é o modo mais honroso de dizer, porque o negocio que o Gama achou de melhor foi nada mais nada menos que o de emprestar dinheiro a juros fabulosos. Para tanto tomou ao seu *serviço*, como sua secretaria particular, uma bella moça de vinte annos. E, calmamente, ia ganhando aqui, perdendo alli, até que, um fim de anno, ao fechar o balanço, verificou enorme *furo* no seu capital. Resolveu-se pelo melhor caminho. Acabar com o negocio. "Antes que o mal cresça, corta-se-lhe a cabeça", — diz a sabia sentença popular. Mas, que fazer com a secretaria? Tão delicada, coitadinha!, e tão precisada de ganhar a vida!... O Gama, então, que se tinha resolvido pelo melhor caminho, fechando a casa de emprestimos, resolveu-se, nesse caso, pelo mais disparatado: propoz casamento á joven secretaria. A moça, que não era pêcca, ficou radiante e pegou a proposta com as duas mãos. Casaram-se. Elle, velhissimo e cheirando a môfo. Ella, nova e com fragrancias de sandalo e de carne moça. Com o correr dos dias, deu-se o inevitavel

(*Cont. na pag. seguinte*)

# A N A L O G I A

(CONCLUSÃO)

nesses casos de amôr senil: a *menina* passou a dominar o ancião. E, com o volver dos mezes, Gaminha, que, cada vez mais se mostrava apaixonado, começou a notar que as jóias dadas á *carissima* esposa lhe tinha levado, senão toda, quasi toda a herança deixada pela bôa d. Philó.

Numa tarde muito bonita, Mario de Azevedo Gama, ao voltar á casa, — ao voltar dizia eu, porque Gaminha, casado com a joven secretaria, era forçado a sahir para *tratar dos negocios*, por ordem peremptoria desta, — encontrou sua mulher nos braços de Flavio, formando, os dois, moços e radiosos, um bello casal. Gama *fuzilou* e, como consequencia da sua zanga, a esposa abandonou-o, indo viver com o filho dilecto de d. Philomena, levando-lhe toda a riqueza do *velho Mario*, — como dizia ella, escarnecendo, — em pedras preciosas e perolas de alto preço. Gama ficou novamente pobre. Passou a residir numa modesta pensão á rua do Lavradio, empr gando, novamente, sua actividade de emprega pouco zeloso numa companhia de carnes congelada

Um dia, ou melhor, certo dia de pouca sort Mario Gama encontrou, abancado num café barat um velho amigo dos tempos de solteiro. Ha muito annos não se viam. Andava cada qual para seu lad e ambos ignoravam a vida um do outro. E, ao sabo da rubiacea deliciosa, começaram animada palestra Conversa vae, conversa vem, e o Souza Lopes, assim se chamava o amigo do marido de d. Phil — contou-lhe uma anecdota *muito engraçada* qu ouvira, a bordo de um *gaiola*, em viagem no r S. Francisco, na Bahia, de um caixeiro viajant muito espirituoso.

— "Certo portuguez viéra ao Brasil, — no temp em que o Brasil era ainda bisonho e novo, — *arran jar-se*. E, de facto, arranjou-se. Conseguiu, depois d algum tempo de luctas em mil occupações differen tes, algumas vaccas e começou a vender leite. Ma a uma garrafa do precioso alimento juntava outr garrafa do não menos precioso liquido: agua. Assim depois de alguns annos de *commercio* ininterrupt

# A CONFISSÃO DO AMIGO

IMAGINAE, como scenario, uma ampla sala, adornada á antiga e tristemente illuminada por uma lâmpada que pende do tecto com uma tela verde, e que é anterior á época do petróleo. O cono luminoso projectado pela luz cáe sobre uma mesa redonda coberta com uma toalha, sobre a qual estão preparados os ingredientes para o *lunch* tradicional de Anno Novo.

Meio envoltos na sombra da tela achavam-se dois homens, ruinas de melhores tempos, trémulos e com o olhar fixo e opaco proprio de sua idade. Um, o dono da casa, com bigodes em ponta, sobrancelhas espêssas e a gravata feita com rigidez caracteristica.

A' primeira olhadela, reconhecia-se naquelle homem o antigo militar. Um continuo movimento das mandibulas era nelle o único signal de vida.

O outro velho, sentado junto delle, era alto, delgado, com fronte de pensador. De vez em quando levava o cachimbo aos lábios, machinalmente. Entre as mil rugas do rosto comprido, accendia-se um sorriso suave, um pouco triste, como só a paz da renuncia póde imprimir no semblante de um homem.

Calaram-se ambos. No silencio, que os cercava, o relogio começo a dar onze horas.

— Esta é a hora em que ell começava a preparar o *lunch* — disse o velho que tinha fronte d pensador.

E sua voz tremeu um pouco.

— Sim; é a hora — repetiu outro, com voz áspera, em qu ainda se notava o éco militar.

— Eu nunca pensaria que ist fosse tão triste sem ella — repl cou seu amigo. — Quarenta e qu tro vezes ella nos preparou *lunch* de Anno Novo.

— E' verdade... E outros fo tantos annos que vens a esta casa

— A ultima noite fomos tão fe lizes!... Ella estava sentada em sua cadeira, tecia muito apress da umas polainas para Paulin porue queria terminál-as antes d meia noite... E as terminou. D pois tomamos o *lunch* e come mos a conversar, serenamente, s bre a morte. Dois mezes depoi a levavamos ao cemiterio. Já s bes que eu escrevi um livro sobr a Immortalidade da Idéa. Tu detestavas, e agora tambem eu detesto. Desde que morreu tu mulher, já não me interessa nad da *Idéa universal*...

— Era uma bôa esposa — aju tou o marido. — Cuidava muit de mim... Quando eu tinha qu estar no quartel ás cinco da ma nhã, ella se levantava para prep rar-me o café... E' claro qu tinha seus defeitos. Quando co meçava a philosophar comigo... Ora!

— Nunca a soubeste comprehen der — murmurou o outro, emqua

conseguiu o feliz homem regressar á *terra* levando um bom fundo em moedas de ouro, authenticas Imperio. Levava-as, cuidadosamente, amarradas num solida saccola. E, como unica *lembrança* do Brasil, deste Brasil collossalmente grande, desta Chanaan de paz, de tolerancia e de fartura, um forte e negro macaco. Tinha o bicho sempre preso a uma corrente de élos possantes. Depois dos devidos apprestos de viagem, tomou uma morosa embarcação á vela, disposto a fazer a travessia para nunca mais tornar ás terras bôas, descobertas por accaso...

"A viagem ia correndo o seu curso normal, através da lentidão dos mezes. Nenhuma novidade a bordo. Apenas, a inquietação da chegada augmentando gradativamente...

"Certa manhã de calmaria, o portuguez sentiu-se, momentaneamente, tomado de um tedio de matar. E, para passar tempo e melhorar o *spleen* que o corroia, foi, cautelosamente, rever o seu thesouro occulto numa arca de jacarandá, tendo como unica companhia o inoffensivo mono, que, em alto mar, sem o minimo perigo de fuga, andava solto. Tirou a saccola e contou, paciente e voluptuosamente as moedas tilintantes. Findo o *trabalho*, ensaccou novamente a sua fortuna e, num rapido momento de descuido, o macaco, que tem artes do diabo e, na opinião de Darwin, é o pae de todos nós, apossou-se do sacco precioso e, célere como um circuito electrico, ganhou a cordoagem da embarcação. E já no alto do mastro mestre, como si tivesse consciencia do mal que praticava, desatou calmamente a saccola e, ainda com uma calma imperturbavel, tirava uma moeda, olhava para o portuguez, lá em baixo, tremendo, e atirava-a ao mar. Assim, da primeira á ultima. Quando o sacco estava vazio, o macaco, com uma ironia digna de um Voltaire ou Anatole France, atirou-o ao seu senhor. O homem, ao apanhál-o, aparvalhado, com lagrimas nos olhos e soluços na garganta, articulou, apenas, estas breves palavras, como si o remorso lhe houvesse tocado a alma: "Agua deu, agua levou!"

As ultimas palavras do Souza Lopes foram abafadas por sua propria gargalhada. O Gaminha, porém, não riu. Suspirou profundamente, coçou, nervoso e triste, a cabeça quasi calva, e rematou:

— Muito *engraçada*, não resta duvida, essa historia!...

# De Herman Sudermann

to um traço de rancor lhe crispava os labios.

Mas seus olhos permaneceram tristes, como si no fundo de sua alma se sentisse culpado. E, depois de uns instantes de silencio, disse:

— Franz, tenho uma coisa a confessar-te... Uma coisa que me róe ha muitos annos, e que não quero levar para o tumulo.

— Dize, então, o que é — falou o velho militar, apanhando seu cachimbo.

— Uma vez..., entre tua mulher e eu... houve alguma coisa.

Franz deixou cahir o cachimbo e olhou seu amigo com olhos dilatados pelo espanto.

— Não pilheries, doutor — disse depois, severamente.

— Falo seriamente — tornou o outro. — Guardo o segredo ha quarenta annos, mas agora devo falar.

— Queres dizer, então, que a morta me enganava?

— Franz, não te envergonha semelhante pensamento?

O velho baixou a cabeça.

— Ella era pura como um anjo — proseguiu o amigo. — Os culpados fomos tu e eu. Ha quarenta e tres annos tu eras capitão e eu cathedratico da Universidade. Naquella época tu tinhas muito pouco juizo, lembra-te.

— Hum! — gemeu o dono da casa, cofiando, com mão tremula, o bigode.

— E deves estar lembrado de uma bella actriz, de olhos muito negros e dentes muito brancos...

— Lembro-me — exclamou Franz.

E um sorriso illuminou-lhe o rosto de Don Juan impenitente.

— Tú enganavas tua mulher e ella o sabia, mas calava e supportava sua dor em segredo. Tua esposa foi a primeira mulher com quem eu convivi depois da morte de minha mãe. Era para mim como uma virgem. Tive a coragem de perguntar-lhe a causa de sua tristeza, e ella me explicou, sorrindo, que não se sentia muito bem depois do nascimento de Paulo, teu filho mais velho.

"Chegou a noite de São Silvestre... Faz hoje quarenta e tres annos. Eu, como de costume, estava aqui ás oito horas. Ella bordava e, emquanto te esperavamos, eu lhe lia alguns trechos de meu livro. As horas passavam e tu não vinhas. Vi-a inquietar-se, tremer, e eu tambem tremi. Sabia que estavas nos braços daquella mulher e tive receio que esquecesses a hora, já proxima, da meia noite. Ella deixára de bordar; eu, de ler.

"Subito, vi que pelo seu rosto rolavam grossas lagrimas, que foram cahir sobre o trabalho. Levantei-me immediatamente para ir procurar-te e trazer-te mesmo á

(*Cont. na pag. seguinte*)

força. Mas ella gritou: com as faces afogueadas:

"— Aonde vae, doutor?

" — Buscar Franz — respondi.

"— Por amor de Deus! — supplicou. — Fique commigo... Não me deixe só!...

"E atirou-se em meus braços, escondendo em meu peito seu rosto banhado em pranto. Eu, dominando minha emoção, procurei consolál-a... Poucos minutos depois, entraste tú, e não notaste minha perturbação, nem os olhos avermelhados de tua esposa... Vinhas ébrio de amor!...

"Naquella noite de São Silvestre, operou-se em mim uma transformação. Desde o momento em que senti os braços della cingir-me o pescoço, a virgem havia desapparecido para só ficar a mulher.

# A confissão do amigo

(Continuação)

❖ ❖ ❖

"Aquillo me indignava e eu me considerava infame e trahidor. Para aplacar um pouco minha consciencia, resolvi separar-te de tua amante. Felizmente, eu dispunha de algum dinheiro. A mulher contentou-se com a somma que lhe offereci como indemnização e..."

— De maneira que — interrompeu Franz, assombrado, — por tua culpa me abandonou Branca, escrevendo uma carta de despedida em que me dizia que seu coração estava despedaçado, mas se via obrigada a renunciar a meu amôr?

— Sim; por minha culpa... Mas escuta. Suppuz comprar com dinheiro minha tranquillidade. Tal, porém, não se deu. Atormentavam-me cada vez mais os máos pensamentos. Procurei distracção no trabalho, mas não o consegui. Decorreu um anno inteiro e voltou a noite de São Silvestre.

"Eu estava sentado ao lado della. Tú dormias no divan do aposento contiguo. Um jantar alegre no club havia acabado com tuas forças. E, emquanto eu olhava fixamente aquelle rosto pállido, me envolveu a onda irresistivel da recordação. Queria sentir outra vez sua cabeça sobre meu peito, queria beijál-a... e morrer.

"Nossos olhos se encontraram e eu tive a impressão de ver nos seus uma luz que me alentava...

"Atirei-me a seus pés e escondi meu rosto nas dobras de sua saia. Depois de uns segundos, sua mão fresca e suave pousou em meus cabellos e a voz cariciosa murmurou:



# ERA UMA VEZ...

ERA uma vez um menino pobre e uma menina rica...

O menino pobre tinha um trem muito grande amarello e preto, de caixas de phosphoros vazias...

(Presente do Natal. Papae Noel é injusto para com os meninos pobres.)

A menina rica possuia um automovelzinho escarlate, com uns desenhos doirados no carburador. E andava, prescindindo do fio escuro que movimentava o trem do filho do operario, que se arrastava, preguiçosamente, pelas calçadinhas vermelhas.

A menina rica viu o grande trem do menino pobre:

— Vamos brincar juntos?

— Vamos.

A menina rica segurou as mãos do menino pobre, e beijou-as.

O menino pobre beijou os labios molhados de volupia infantil, da menina rica. E por entre a cortina negra dos olhos pestanudos e tristes, elle olhou lá dentro, nos olhos da burguezasinha, e viu a belleza pathetica da alma do amor...

— Você gosta de mim?

— Gosto.

— Só de mim?

"— Coragem, meu amigo... Não deve enganar o homem que dorme ahi ao lado, tão confiado.

"Levantei-me, sem poder falar, e ella me deu um livro. Abri-o ao acaso e comecei a lêr em voz alta:

"Não sei o que li. As letras dançavam deante de meus olhos, mas pouco a pouco foi aplacando-se a tempestade em minha alma, e quando soaram as doze horas e tú, com os olhos inchados pelo somno, entraste para felicitar-nos, me pareceu que aquelle instante de peccado estava já muito longe, perdido na noite dos tempos. Era somente como qualquer coisa que apenas se recorda.

"Daquelle dia em deante, recuperei a tranquillidade; sabia que ella não me amava e que só podia esperar compaixão.

"Passaram-se os annos. Teus filhos cresceram, casaram-se, e nós ficámos velhos. Renunciaste a tuas loucuras, mandaste ao diabo as outras mulheres e te dedicaste a ella, como eu. Bem poderás suppôr que não deixei de amál-a. Mas meu amôr tomou outra fórma despojou-se de todo desejo e se transformou em uma communhão espiritual. Tu rias quando nos ouvias philosophar, mas si houvesses suspeitado como nossas almas se comprehendiam, terias sentido ciume. E agora ella morreu. Talvez na proxima noite de São Silvestre estejamos os tres novamente reunidos no outro mundo. Por isso, chegou a hora de ver-me livre do segredo e dizer-te: "Franz, um dia fui culpado, e me portei mal comtigo. Perdôas-me?"

Extendeu a mão a Franz, mas este a repelliu com gesto brusco, exclamando:

— Que historia tola é essa?... Nada tenho a perdoar-te. O que me dizes, eu já o sabia ha muito tempo. Ella mo contou ha quarenta e tres annos... E agora vaes saber porque, até minha velhice, andei tanto atraz das mulheres... Quando ella mo disse, tambem me confessou que tu eras o único amôr de sua vida.

.................................

O amigo olhou Franz, demoradamente, e, no silencio cheio de recordações dolorosas, o relogio começou a bater doze horas...

# A confissão do amigo

*(Conclusão)*

* * *

# De Cordeiro de Andrade

— Só de você.

— Muito?

— Muito.

— Jura?

— Juro.

* * *

Na esquina da vida, os dois se separaram...

* * *

— Você não me conhece?

— !?

— Eu sou o filho do vizinho, o machinista do trem de caixas de phosphoro vazias...

— !?

— Você não me conhece?

— !?

A moça rica seguiu apoiada ao guidon de uma linda baratinha.

O rapaz pobre olhou á distancia, entre nuvens de poeira e fumaça, o seu unico sonho, fugindo... fugindo...

Era uma vez um menino pobre e uma menina rica...

Era uma vez...

* * *

Minha historia é mesmo assim...

EZA' (3) — Ai Jesus! Lá vem *outro*... *Outro*, que é um desastre poetico.

Qual, sr. Ezá, o sr. é catastrophico! E' terrifico! E' dramatico! E' vulcanico! E' tellurico! E barbaro! E' exdruxulo! E' hypertrophico! E', emfim, tudo quanto se exprime com palavras arrevezadas e difficeis.

O sr., caro poeta, é labyrinthico! Upa! Não ha por ahi outra expressão proparoxytona — assim como — kilometrico, mortifero, cólica, funebre, babylonico, cahótico? Por favor! Arranjem mais uma, senhores, porque o sr. Ezá merece ainda mais do que isso! Merece até que o chamemos lyrico, cyclopyco, cyclonico!

Vejamos, como uma demonstração do que acabo de affirmar, o soneto abaixo, da autoria do illustre poeta Ezá:

*REMEDIO U'NICO*

Ao coração angelical da E'sse

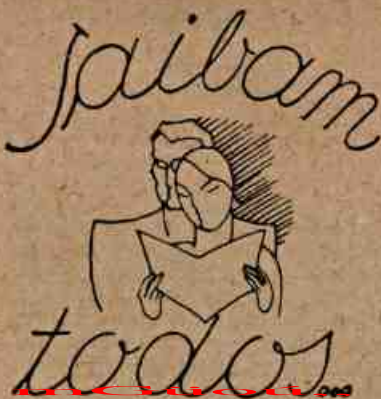
*Si eu dependesse da Ciencia para*
*[a cura do meu mal,*
*eu estaria predestinado a suportar*
*[dores bem crúeis,*
*porque nunca chegaria a Ciencia á*
*[conclusão final...*
*satisfatoria, que lhe aumentasse os*
*[fúlgidos laureis.*

*E' que um único remedio existe—*
*[abençoado fanal,*
*de prodigiosa eficacia para os ma-*
*[les mais revéis*
*de um coração agrilhoado por um*
*[suplicio letal,*
*fazendo-o sentir encantos de tres-*
*[calantes vergéis.*

*Tal remedio só se encontra no*
*[coração de meu Bem.*
*Só minha amada conhece o sofri-*
*[mento de minha alma*
*só ela o sabe curar, só ela lhe sabe*
*[dar calma.*

*O' milagroso remedio só é o que*
*[sempre me vem*
*na voz, num olhar, num gesto en-*
*[fim de ti minha querida,*
*minha rica estrela d'alva, tesouro*
*[da minha vida.*

Tenho ou não tenho razão? O sr. Ezá, com o seu *Remedio unico*, é, tambem, poeta *unico*... no genero...

JOÃO FERNANDES SILVA (3) — Muito agradecido pelos elogios que me dirige. O sr. é amabillissimo. E o que mais me admira é que o sr. me elogia abertamente

e nem sequer me pede a publicação de um soneto.

Que homem altruista, o senhor, caro João Fernandes da Silva!

Viva o Brasil!

ARIADNE (S. Paulo) — Ariadne ou Ariana é uma figura mythologica muito interessante. Foi ella, a filha de Mimos, quem forneceu um fio a Theseu, para que este sahisse do Labyrintho, onde se achava enredado...

Mas, apezar do nome, v. ex. me deixa embaraçado no Labyrintho de "Saibam todos"... Não sei o que fazer, nem como fugir delle, — deante dos termos amaveis de sua missiva...

Não gostei muito do confronto que fez de minha pessôa com o sr. Griecco... Prefiro ser um mediocre — mas, sozinho, sem a companhia de outrem — mesmo que este seja superior a mim, intellectualmente falando. Percebe?

Quero ser todo pessoal, parecido commigo mesmo.

Para que emprestar ou attribuir os meus defeitos a A ou a B?

Vamos, porém, á sua carta côr de ouro e perfumada a Guerlain...

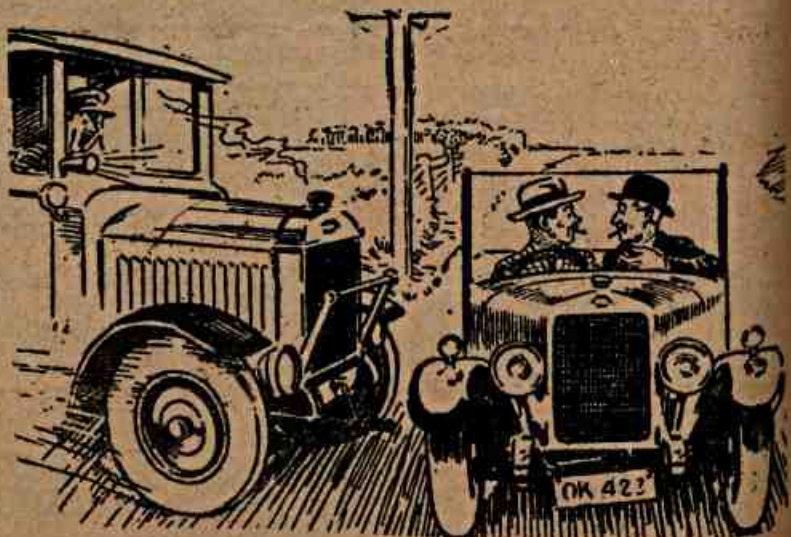
"Yves. Você é admiravel nas suas criticas, quasi á Aggripino Griecco. Gosto da sua franqueza principalmente quando della faz uso para as "predilectas" do Berillo Neves. No terreno em que se collocou, você é o mais denodado "feminista" que ha por estas plagas, pois, nelle, desappareceu para você a linha divisoria dos sexos. Não ha homens nem mulheres: ha apenas litteratos, (verdadeiros e falsos) que lhe merecem os mesmos elogios ou... "amabilidades". Os direitos, pelo menos os de ouvir verdades, estão por você perfeitamente equiparados. E é essa franqueza, que muitos julgam um defeito, mas que eu considero virtude, que o faz admirado e odiado pelas filhas de Eva que o procuram atravez do "Saibam todos".

Pois bem, Yves, justamente por que aprecio esse traço accentuado do seu caracter, é que tambem quero passar pelo escalpello de sua critica. (Que coragem, não?) Mas, antes, desejaria que me dissesse se quer ser meu credor (de gratidão) por esse trabalho "anatomico", que constitue a sua especialidade, para que eu lhe envie o elemento a elle necessario.

Da paulista muito grata

*Ariadne".*

Como vê, v. ex. é uma literata — em vias de commetter, ou antes perpetrar o seu ensaiosinho literario. E quer, para isso, ouvir um conselheiro que, de certo, não deseja ser como o Accacio... Muito bem!

V. ex. conta commigo para que dér e vier.

O vendedor, enthusiasmado. — Como o senhor vê, a direcção é macia, o motor silencioso, a acceleração...

E, como é paulista, e naturalmente bonita como todas ellas, só lhe peço que honre as tradições literarias de sua terra, onde a cultura feminina é um facto indiscutivel — para gloria deste Brasil, intellectualmente tão escangalhado...

Escangalhado! Que palavra feia! Desculpe, minha illustre leitora... Mas, o nosso paiz não é digno de adjectivo melhor, nem mais bonito.

E viva o grande S. Paulo!

ENERYC (S. Paulo) — Ora essa! Basta v. ex. ser paulista para merecer todas as attenções de minha parte.

E' muito amavel a sua missiva. Amável e elogiosa. Tão elogiosa que a minha vaidade não resiste ao desejo incontido de transcrevêl-a, na integra.

Leiamol-a, pois:

"São Paulo, 6-2-1933. Snr. Yves. Essa seção de consultas tão bem dirigida pelo fino espirito de um original pseudonimo, que vela um dos nomes mais brilhantes da nossa literatura, faz com que eu não resista tambem a uma curiosidade que neste caso penso que não será sómente bastante feminina.

A minha mocidade em flôr, tem como todos o seu pedacinho de ideal. E o Snr. me dirá si ele será sempre platonico ou si haverá ainda por ahi alguma esperancasinha de realidade. Constituem o meu fraco que aliás é forte, as pessôas favorecidas com o dom precioso da inteligencia.

E muito mais admiro aquelas que d'ela se utilizam para fazerem deslizar por sobre o papel, esse meio maravilhoso de expressão que continúa a ser atravez de todos os tempos, a palavra elevada e nobre.

Assim é que encorajada pelos que se me aproximam, ouso apresentar-vos linhas ditadas pela minha imaginação, pedindo o obsequio de uma pacienciasinha para que possa chegar ao fim.

Acreditarei na sua sentença que espero sincera, pois o Snr. parece ser o unico que não afivela a mascara da lisonja mentirosa, sciencia na qual se aprofundam os homens de todos os seculos.

Perdoe-me esta rude verdade que vae com o mais sincero muito obrigado — *Eneryc*".

Muito bem. Devo dizer que a minha opinião é muito favoravel á sua fantasia literaria. V. ex. escreve bem e, com um pouco mais de exercicio, poderá vir a ser uma excellente contista...

Gostou?

LYX (Capital) — Curioso! A sua carta tem mais ou menos, um anno. E' de 29 de março de 1932.

Sabe como se explica esse atrazo?

Do modo seguinte: a sua missiva foi collocada, por engano, ainda lacrada, em um maço de correspondencias, com a nota de — "Respondidas". Ainda por acaso, abrindo o referido maço, encontrei a sua missiva, onde v. ex. me pede um estudo de seu caracter, feito através dos traços physionomicos.

Si v. ex. ainda espera sua resposta, ella aqui vae.

Mas, antes de tudo, leiamos a sua mensagem:

"Yves, felicidade. Você já disse: "Nunca a gente na vida é bem feliz! Mas tem sempre uma eterna aspiração!" e agora, na sua grande gentileza, deixará de satisfazer minha aspiração momentanea negando-me um estudo de fisiognomonia?

Por sua causa não serei bem feliz?

"São palavras bem sei... Mas, tu sorris? E' que és simples talvez, — e não tens ambição...

— Rio, 29-3-32.

*Cabelos*: — *castanho-claros, bastos, grossos, descobrindo, ligeiramente, as temporas.*

*Fronte*: — *alta e larga.*

*Palpebras*: — *bem arqueadas; pestanas bastas, castanho-escuras, nem compridas, nem curtas.*

*Sobrancelhas*: — *finas, separadas, arqueadas.*

*Pomulos*: — *nem salientes, nem fundos, nem grandes.*

*Olhos*: — *medios, amendoados, dentro da linha do rosto; olhos indeterminado.*

*Nariz*: — *Aquilino.*

*Bocca*: — *pequena.*

*Labios*: — *finos, polidos, formando o superior, um arco.*

*Sorriso*: — *natural.*

*Collo*: — *redondo, bem formado.*

*Dentes*: — *pequenos, separados.*

*Nuca*: — *alta.*

*Orelhas*: — *pequenas, coladas no craneo, colocadas na linha media dos olhos.*

*Lingua*: — *curta, fina, larga.*

*Voz*: — *clara, sonora, suave.*

*Riso*: — *franco.*

O seu caracter é bom. Pelos detalhes physionomicos, constantes de sua carta, cheguei á conclusão de que se trata de uma pessôa delicada, de maneiras calmas, lentas e suaves.

E' emotiva, sentimental e meiga. Vaidosa, não chega, porém, a irritar os que a cercam, pois sabe ser sempre amavel e gentil, para com as pessôas de suas relações.

A sua força de vontade é nulla. Em compensação, vence com a sua argucia, a sua intelligencia e a sua maneira de envolver as pessôas, na rêde da sua sympathia.

Possúe muito bom gosto.

E' um pouco indolente e gosta dos ambientes fôfos e cálidos. Não sabe lutar, mas é muito caprichosa.

Não é egoista, mas é muito economica.

Timida, serena, reflectida, dissimulada, é um tanto fria, para o amôr, mas conquistará com as suas qualidades moraes, — rectidão, espirito de ordem, decencia de attitudes e fidelidade — aquelle que quizer e entender.

E' desconfiada, sim. Mas, a desconfiança, a meu vêr, é uma defesa de nós mesmos.

Que diz, "Mlle. Lys"?

Yves

O mesmo vendedor, no dia seguinte. — Como diziamos hontem, o motor trabalha silenciosamente, a acceleração é a maxima possivel, os freios...

*Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.*

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 94
Telephone 2-4136

FON-FON — 25 - 3 - 933

Data da consulta .........

Nome do consulente .........

...................

# INGENUIDADE

## De Mario Trevo

ERA no estio. Quando esta phase do anno domina, as principaes familias cearenses, embora residam na capital ou no interior do Estado, têm por costume fazer uma estação de banhos maritimos na encantadora Praia de Iracema. E ali, onde todas as tardes, ao morrer do sol, aportam as jangadas que vêm com os urús cheios de peixes de qualidades varias e de escamas rutilantes, ali, naquellas aprazíveis vivendas, passam os cearenses os mezes de verão numa alegria celestial. Pela manhã, depois do sol haver-se elevado um pouco, iniciam o primeiro banho; ao expirar da tarde começam o segundo que serve para despertar o appetite do jantar. A' noite, as familias visitam-se ou palestram á beira-mar; e, se a lua prateia a superficie verde do oceano immenso, agitado e forte, as moças, passeando ao longo da praia, cantam canções ternas e bellas. Chega, porem, o inverno; e a Praia de Iracema, com as primeiras chuvas, começa a despovoar-se, ficando silenciosa e triste.

Como ia dizendo, era no estio, numa noite perfumosa de agosto. A lua, no seu quarto crescente, mal começava a clarear, desapparecia no occidente, lá para os lados do rio Ceará, deixando o oceano em maré cheia, com vagas altas e enormes. As jangadas, com seus mastros, altos e curvos, erguidos para os ceus pontilhados de estrellas, eram beijadas na popa pelas alvas espumas dos vagalhões. Numa dellas, sentado no pequenino e tosco banco do leme, eu tinha, junto de mim, a priminha querida, a linda Laís, uma creança de seis ou sete annos. O assumpto sobre que versava a nossa palestra era o mais variado possivel, o daquelle momento era sobre as estrellas. A cidade, com a sua illuminação, com o seu borborinho, impede, muitas vezes, que se aprecie a belleza encerrada no firmamento negro marchetado de pontos luminosos.

Sentado ao lado da priminha ouvia-lhe a voz melodiosa a explicar-me como as estrellas haviam apparecido no ceu.

— Você está vendo aquellas estrellas em fórma de cruz?

— Vejo.

— E' o cruzeiro. Quando Nosso Senhor morreu, entre tantos soffrimentos, quando a terra e os ceus, revoltados contra a crueldade dos homens, estrondavam em tempestade, aquellas quatro estrellas, em fórma de cruz, brilharam pela primeira vez para lembrar-nos o que soffreu redimindo a humanidade.

— E' o Cruzeiro do Sul.

— Se é do sul não sei. Ali mais em baixo, quando o mar se encontra com o ceu, olhe aquellas tres estrellas.

— Ali?

— Sim. Sabe que são?

— Não.

— São as tres pessoas da Santissima Trindade: o Padre, o Filho e o Espirito Santo.

— E a via-lactea?

— Via lactea?

— Sim. Ali. Aquella faixa immensa de luz.

— Ah! Você chama áquillo via lactea?

— Sim. Como appareceu?

— Foi quando os judeus maltratavam Nosso Senhor. Não podendo supportar tanta crueldade praticada no seu filho, Nossa Senhora começou a chorar. E as lagrimas, ao rolarem pelas faces, em vez de cahirem no solo, elevaram-se para os ceus, e já se transformaram naquella estrada immensa de luz.

— Não, Laís. Você não tem razão. Dizem que as estrellas são a imagem dos beijos dados na terra.

— Mas são tantas as estrellas...

— Tambem muitos foram os beijos...

— Você está é brincando...

— 'E serio... Quer ver? Vou beijar a sua mãozinha, e, logo após o beijo, uma estrella muito bonita, muito brilhante, surgirá.

E dei um beijo na sua mãozita pequenina.

E ella, com os olhos fitos no firmamento procurava a estrella promettida.

— Cadê a estrella?

Apontei-lhe a Vesper que desapparecia.

E com um sorriso divino a brincar-lhe nos labios mimosos, respondeu-me:

— Mentiroso! Aquella é a estrella do pastor!...

# Foi numa noite de Natal...

*(LENDA DOS ALPES)*

(Para "Fon-Fon")

O dia vinte e quatro de dezembro se ia, abandonando a terra que tiritava de frio. Coberta pela neve que cahia vagamente, em flócos leves, como si fossem pedaços de nuvem que o Menino-Jesus, lá do alto, se divertisse em desmanchar sobre o mundo, a villa dava ao longe a impressão de que era um bôlo enorme de assucar que um phantastico pasteleiro houvesse alli pousado, numa bandeija de gêlo...

Um vento cortante balouçava a renda de espuma que a neve tecia e floria, cahindo.

Dentro da noite, que chegava, a povoação ainda menor, com as casas muito unidas, os telhados tão juntos que os beiraes se enlaçavam, como si de frio ellas se tivessem agrupado, unindo-se mais num aconchego medroso...

Nas casinhas brancas, com a franja de gêlo contornando os telhados agudos, havia manchas de luz... eram as janellas quadradas, largas e grandes que chammejavam da claridade doirada das lareiras.

Numa das casinhas alvas, talvez na menor, que era a mais bonita e a mais nova, um casal feliz saboreia brandamente a sua ventura aldeiã...

Elle, forte e contente, a vida a lhe sorrir na idade em flôr, com o cachimbo fumegante entre os dentes, trepado num banco tôsco, ajuda a companheira, muito mais moça, — os cabellos louros e os olhos de myosotis — a enfeitar a sua arvore de Natal. Ah! A sua arvore de Natal! Como a procurára, entre os abetos da montanha, caçando, no meio de uma floresta de troncos sêccos, mergulhados na neve, um galho verdejante de pinheiro! Trouxéra-o, como quem recolhe ao lar uma criança; e enfeitára-o, como quem arruma o seu altar...

Uma estrella de cartão pendurada de um ramo como a precipitar-se no espaço, um sino, pequeno sino de papel que devêra tocar todas as matinas do céo, uma teia de cordões de prata alinhavando as galhadas, um pennacho no alto, e uns flócos de algodão esparços entre as bolas de crystal e os pingentes de malacacheta...

A tarefa está finda, e a camponez ria contemplando a arvore maravilhosa...

O marido abraça-a, mais feliz porque ella o é, mergulhando nos seus um olhar de ternura: era a arvore do sonho...

Um chôro de criança chama-os á realidade.

E' o seu filhinho pequenino e lindo como o Menino-Deus que nasceu naquella noite santa, que acorda e no bercinho tosco chora para que o attendam.

Pegam-no com alvoroço, cobrem-no de beijos e lhe mostram a arvore de Natal, cujos fructos eram os astros do firmamento...

E a criança sorri, arregalando os olhinhos azues como duas contas, emquanto a mãozinha gorda procura alcançar uma estrella que treme no galho verde.

Angelina, radiante, diz ao marido, que a olhava com carinho:

— Você viu, José, como o nosso anjinho gostou do presente que lhe fizemos? Olhe como elle ri! Tambem está tão bonita a nossa arvore!

— E ficará mais ainda, quando accendermos as velinhas...

— Accenda-as, então.

José obedeceu. E com o lume do cachimbo accendeu a primeira velinha, que faiscou, no tôpo da arvore, a segunda, a terceira, e assim a duzia completa de velas coloridas...

Angelina sussurrou então:

— Apaguemos o lampeão; ficará mais bonito ainda. Agora os dois, abraçados, com o menino que continuava a sorrir, sorriam tambem á felicidade que os envolvia.

Sorriam ao amôr que os unia, ao amôr perfeito, que aquellas luzes, mais adivinhadas do que reaes, illuminavam com o seu clarão mystico. O clarão vago das madrugadas de Deus.

Fóra, continuava a nevar... Um vento frio gemia, batendo nas portas frageis das cabanas. E, lá dentro, a temperatura morna, o socêgo, a paz, respiravam as *hosannas* da noite santa do Natal...

* * *

Subito, uma rajada mais forte empurrou a porta da casinha feliz; e ella se abriu... Uma lufada de neve e vento entrou, carregando o mêdo, o espanto e a tristeza, e apagou bruscamente toda a arvore de Natal.

A escuridão foi completa. José, de um salto, tentou fechar a porta, emquanto a mulher, segurando a criança, correu para elle... Tentou seguil-o, apalpando as trevas, e a tremer e chamar, com passos incertos tropeçou num banco rústico, e tombou pesadamente no chão agarrada ao filho que soluçava.

E tremula e medrosa, com lagrimas nas pupillas assustadas, chamou pelo companheiro, que logo a levantou. Prendeu-o com o braço roliço, disposta a não deixal-o, e murmurou:

— Tenho mêdo, José, tenho mêdo... O vento...

— Silencio! — pediu elle, amparando-a.

Mas, como a companheira, sentia um frio de pavôr a apunhalar-lhe o coração.

Recordava-se da lenda do paiz que dizia: *Arvore de Natal, apagada, pelo vento, desgraça ou desalento...*

E, apertando a mulher e a criança, de encontro ao peito, sentiu uma lagrima que lhe corria pela face abaixo.

* * *

Minutos depois, José accendia o lampeão e Angelina, assustada e a chorar, limpava o filete de sangue que corria da testa nivea da criança, empastando de vermelho os cabellos encaracolados e louros como os seus...

A noite era mais fria e negra...

O Menino-Deus continuava a desfiar as nuvens e o vento não parava de soprar... As horas passavam, lentas e preguiçosas...

Na cama tosca, pequenina e macia, o menino-louro debatia-se agitado pela febre que lhe queimava o corpinho fragil. As faces rubras como o sangue que corria... os olhinhos semi-cerrados e humidos... Os labios abertos como duas petalas de rosas, deixavam passar uns gemidos longos que se misturavam com os de Angelina, ajoelhada o lado, a olhál-o ansiosa.

De instante a instante, José refrescava a testa doente, com as compressas que lhe punha, emquanto os labiozinhos de flôr recusavam o alimento que a mamãe offerecia.

E a criança soffria baixinho... Não podia dormir. Os olhinhos, azues como duas contas, vagavam, ora pousando nas pupillas que lhes havia dado a côr, ora nas pupillas escuras de José como si pedissem, implorassem um lenitivo para o seu padecer.

José comprehendeu-o e beijando a mão de boneca que quasi sumia dentro da sua, disse á mulher:

— Vou procurar um medico.

— Quem? E a esta hora da noite? Onde?

— Não sei, mas hei de encontrar algum, nem que seja no fim do mundo. E roçando com os labios seccos a cabelleira dourada da mulher, partiu... atirou-se como um allucinado, dentro da escuridão da noite, salpicada de neve...

Puxou para o pescoço a gola do sobretudo velho e remendado e, enfiando as mãos endurecidas nos bol-

(*Cont. na pag. seguinte*)

# FOI UMA NOITE DE NATAL...

(CONCLUSÃO)

sos grandes, sentiu duas lagrimas grossas, quentes, lhe queimarem a face, que o frio gelava, e pensou no seu lar, em Angelina e no seu filhinho, na arvore illuminada e no vento da desgraça que a destruira.

Lembrou-se da lenda dolorosa, e, sacudindo a cabeça, tremendo de pavôr, gritou angustiado: "Não-Não-Não!"...

Si elle encontrasse um medico, talvez pudesse salvar o seu thesouro, talvez conseguisse estancar aquelle sangue que lhe fugia da fronte aberta...

Mas onde? Si na villa pobre não havia nenhum...

O sino da igreja soou as horas e o vento lhe espalhou os écos na noite silenciosa... O rapaz, com um raio de esperança a aclarar-lhe o caminho, correu para a igreja, lá no alto da montanha coberta de arminho... No meio da multidão que iria render sua homenagem e offerecer os corações a Deus, que nascia, haveria de encontrar a salvação...

Angelina, desesperada, abraçando o filho, era como uma sombra que mansamente andasse pela casa pequenina e branca, embalando uma criança que soffria... Apertava muito o pequerrucho doente, acalentava-o com carinho, beijava a testa ferida, misturando com o sangue que vasava lentamente as suas lagrimas amargas.

A luz frouxa do lampeão mal clareava o quarto humilde, como si fosse uma estrella do Senhor, que, condoida daquella affiição, viesse illuminar-lhe a sua noite de dôr...

E, fóra, a neve sempre a cahir e o vento a gemer...

E a criança peorava... a face mais vermelha que dois cravos encarnados, o olhar mais languido que um raio de lua numa noite invernosa...

Angelina, com os labios quentes, tentava aquecer as mãozinhas que começavam a esfriar... Beijou-as. Beijou com loucura as palpebras que se cerravam e a boquinha em botão que só soubera dizer: *mamã*...

* * *

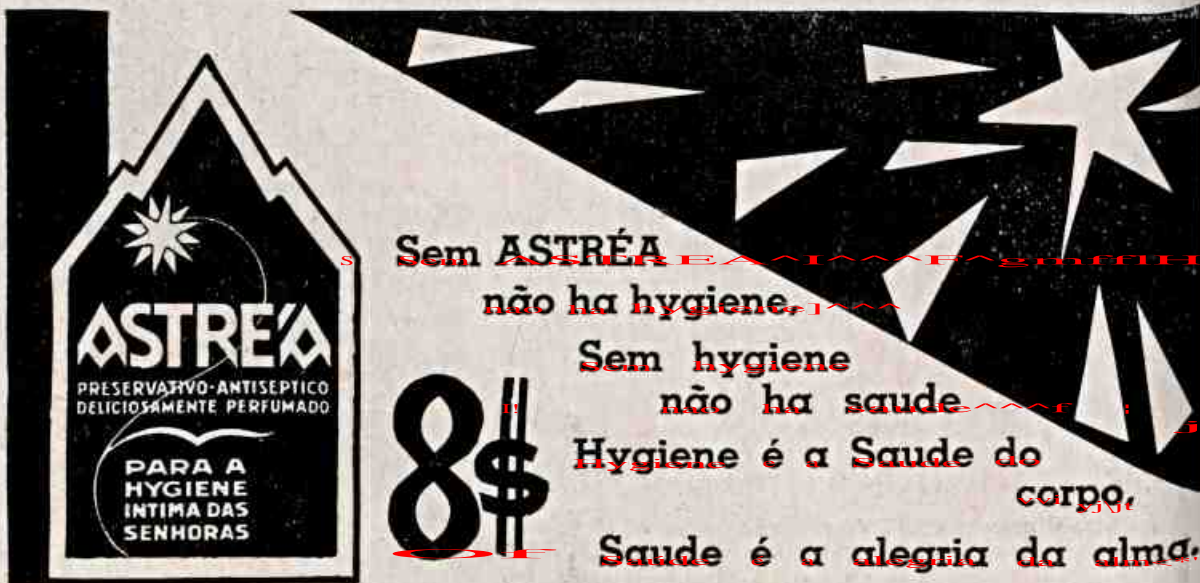
Quando José e o medico empurraram a porta da cazinha mais bonita da villa, encontraram Angelina com as tranças soltas, olhos arregalados, mais azues que o céo de primavera, falando, rindo, cantando, mostrando ao filhinho que já não vivia as velas coloridas, que brilhavam novamente, nos galhos quebrados da arvore de Natal...

* * *

...Os retalhos das nuvens continuavam a cahir como renda de espuma...

E o vento, congelava e zunia, espalhava dentro da noite fria os écos distantes do sino...

O sino dizia, na sua linguagem dos anjos, que a alegria devia estender-se a toda a terra, porque nascêra Jesus...

DIDI CAILLET

# UMA IDÉA GENIAL

DE PIERRE VEBER

UM papagaio melancolico lançou no ar do Far West seu grito desagradavel. A esse grito responderam o grunido pessimista de um urso e a voz nasal de um phonógrapho a prestações, que derramava no crepúsculo do campo a famosa canção: "Mi-loira, por que não vens beijar-me após o almoço?..."

Jim tomou primeiro uma decisão, e depois o braço direito de Mabel. E assim lhe falou:

— Minha adorada maçanzinha da California, estou certo de que teu pae, o cansado e asthmático *sheriff*, nunca me concederá tua mão. Sem ti, a vida me é absolutamente impossivel. Só me resta, pois, partir para os gelos do norte, e, uma vez ali, dedicar-me á caça do urso ou do coelho das neves. Mergulharei alma e corpo no inverno silencio branco, e tu não mais ouvirás falar de mim. Depois, uma manhã, uma bella manhã de sol, o amavel *cow-boy* que exerce a profissão de carteiro te trará um registado. Esse registado será uma velha lata, que conterá meu coração, conservado de accôrdo com os mais modernos frigorificos...

A essas tristes palavras, Mabel sacudiu sua grande cabeça loira, e respondeu:

— Jim, estúpido *cow-boy* sentimental, meu doce e romantico cretino: nunca se deve atirar fóra a folha de uma faca depois de ter descascado a manga. Ahi vem, precisamente, meu pae, o cansado e asthmático *sheriff*, que regressa a casa depois de sua inspecção semanal pelo campo. Pergunta-lhe mais uma vez, a última, si elle consente em dar-te minha mão...

O cansado e asthmático *sheriff*, que parecia, de um modo impressionante, com Abrahão Lincoln, saltou do cavallo, atirou sobre a mesa da cozinha seus quatro revolvers e pediu a Mabel um copo de *whisky*, os chinellos vermelhos e o boletim da Bolsa. Jim aproximou-se titubeante do cansado e asthmático *sheriff*:

— Que ha, *sheriff*? Novidades?...

— Péssimas... As acções do cinematógrapho baixaram dez pontos e os pelle-vermelha degolaram outras dez pessôas.

— Comprehendo — disse Jim. — Trata-se sempre da mesma tribu, a tribu do "Boi Ensanguentado..."

— Precisamente, a tribu do "Boi Ensanguentado". O chefe da tribu, o infame "Pello de Condor", atemorizou todo o Far-West... Já não é possivel aventurar-se na planicie sem correr o risco de perder todos os cabellos, até o último. Os esbirros de "Pello de Condor" não temem nada. Ha já dez annos que lhes prometto as mais crueis represálias. Mas elles troçam e continuam incessantemente suas investidas audaciosas. Com tudo isso eu perco minha reputação de *sheriff* severo, e o governo de Nova-York já me fez saber officialmente que na proxima pessôa degollada me destituirá sem contemplações e me dará um ponta-pé de circumstancias...

Uma lágrima amarga, de grande formato, deslisou ao longo do labio superior do cansado e asthmático *sheriff*, indo melancolicamente perder-se na floresta de um barba grisalha. Jim, ao ver aquella lágrima, pensou que havia chegado o momento psychologico de formular seu pedido. A coisa não deixava de ser extremamente perigosa. Mas era preciso atrever-se. Jim, antes de tudo, cuspiu no chão qualquer coisa que mascava, e que, descrevendo elegante parábola, foi cahir sobre o dorso do gato da casa, que, imprudentemente, se havia aproximado de Jim.

— *Sheriff*... eu desejava... Emfim: eu desejava casar-me com Mabel...

O cansado e asthmático *sheriff*, completamente vermelho de raiva

(*Cont. na pag. seguinte*)

# Uma idéa genial

(Conclusão)

e de whisky, começou a proferir todo um selecto cyclo de imprecações, que foram chocar-se contra as paredes do rancho. Essas imprecações alludiam ao diabo, a um maldito, a um cretino impertinente. Subito, percebendo que as palavras já não lhe sahiam da garganta, o cansado e asthmático *sheriff* empunhou seus quatro revolvers e descarregou no ar todos os seus numerosos projectis.

— E' verdade... eu o havia esquecido... — exclamou o *sheriff*, acalmando-se instantaneamente. — As balas augmentaram esta semana dois dollars por milheiro... Está bem: acalmo-me. Com a condição, porém, de nunca mais ouvir falar nesse projecto de casamento. A menos que...

— A menos que?... — repetiu, ansioso, Jim.

— A menos que tú consigas desembaraçar-me para sempre de "Pêllo de Condor" e de todo seu indigno bando, e a menos que, dentro de oito dias, no máximo, venhas annunciar-me que nenhum cidadão foi degollado no campo que vae de Fort Roosevelt a Al Capone, e que constitúe minha jurisdicção.

— Está combinado? — perguntou Jim, que se fiava escassamente no que lhe dizia o *sheriff*.

— Juro sobre minha insignia de *sheriff*, sobre a última edicção da Biblia e, mais que tudo, sobre a cabeça de meu bisavô, que assassinou trinta e duas pessôas seguidas em Nova-York... Sim: Mabel será tua, si conseguires exterminar a tribu do "Boi Ensanguentado" e "Pêllo de Condor."

O papagaio melancolico, o urso e phonographo a prestações emmudeceram de repente. Quando o cansado e asthmático *sheriff* jurava sobre a cabeça de seu bisavô, era signal de que se tratava de coisa muito séria, sobre a qual ninguem devia brincar.

* * *

JIM MAC RAMAY ensilhou de manhãzinha seu cavallo, engraxou suas esporas e sua carabina, e galopou para Fort Roosevelt. Logo que chegou á cidade, entrou mysteriosamente no estabelecimento commercial de "Bloch, Levy & Levy", de onde sahiu meia hora depois com um volumoso pacote de aspecto bastante enygmático. Em seguida, voltou a seu rancho, deixou o pacote em um aposento e o cavallo na estribaria, e, sem perda de tempo, partiu em direcção ao campo, em companhia de sua carabina, devidamente carregada.

A cúmplice e affavel lúa do Far West permittiu aos olhos de Jim perceber um poste telegráphico, no qual, em perfeito dialeto pelle vermelha, estavam escriptas as seguintes palavras: *Caminho da Guerra*. Jim, que não carecia de certa intuição e era dono de uma intelligencia bem respeitavel, comprehendeu logo que aquelle era, sem duvida, o caminho das hostilidades.

Justamente nesse momento, "Pêllo de Condor", o chefe invencivel da tribu do "Boi Ensanguentado", na garupa de seu fiel cavallo, ia beber a agua de fogo e fumar o cachimbo da guerra em casa de uma pélle-vermelha de reputação duvidosa: a *Pequena Ossema Grenat*, como a chamavam no Far West.

Um buzio apitou cortezmente as doze pancadas que indicavam a meia noite do prado. Com o coração offegante Jim agitou seu laço, e este, muito amavelmente, assobiando no ar, colheu o pescoço do chefe pelle-vermelha. "Pêllo de Condor" lançou um grito guttural, que em dialeto pelle-vermelha se pronuncia e se escreve "Ah!", mas que, correctamente traduzido, significa com exactidão: "Malditos sejam todos os brancos passados, presentes e futuros! Cahi no laço como o último dos cretinos!"

Sem perder siquer um minuto, Jim embrulhou seu prisioneiro no ultimo numero do *New-York Times*. Depois, saltando sobre o cavallo do bandido, amarrou o embrulhado "Pêllo de Condor" na garupa do animal e, em seguida, galopou para o povoado. Jim chegou a seu rancho á hora exacta em que o gallo annunciava ás gal-

linhas a sahida do sol. Amarrou "Pello de Condor" a um solido tronco de arvore e, depois, cantou, convenientemente modificada, a romanza do quarto acto do "Rigoletto": "*La donna e mobile qual pelo al vento*". O prisioneiro comprehendeu o duplo sentido da canção. Entretanto, Jim havia collocado na cabeça de "Pello de Condor" um casco de fórma bem estranha. Em seguida, introduziu um ficha electrica em um tomador de correntes, e o estranho casco em que estava encerrada a cabeça de "Pello de Condor" principiou a lançar chispas de côr violeta.

— Incommensuravel patife — rugiu Jim, falando a seu prisioneiro, — tu te divertes loucamente em degollar meus pobres irmãs! Pois bem: eu te vou castigar como mereces. Far-te-ei uma ondulação permanente, como as fazem os cabelleireiros europeus nas estúpidas mulheres de além-Atlantico. Veremos o que dizem esses canalhas de tua tribu quando te virem crespo como um cordeirinho.

A psychologia de "Pello de Condor" passou, a essas palavras, do vermelho escarlate ao verde fel.

— Piedade, piedade!... Castiga-me como queiras, mas não assim... Mata-me, si o desejas, mas não me faças a ondulação permanente... Em vez de ter o aspecto de um respeitavel chefe de tribu, terei o de uma *midinette* parisiense... Os homens de minha tribu rirão de mim, troçarão de mim, e eu ficarei material e moralmente arruinado.

— Um momento! — disse Jim. — A ondulação permanente ainda não terminou, e eu quero não só que teus cabellos lisos fiquem ondulados, mas tambem as pennas que adornam teu traje...

* * *

NA noite seguinte, Jim Mac Ramay proseguiu seu trabalho, fazendo tres novos prisioneiros, que tratou do mesmo modo: isto é, impôz-lhe a ondulação permanente. A mesma coisa, no dia seguinte. E assim successivamente. Todos os pelle-vermelha da tribu do "Boi Ensanguentado" voltaram ás suas cabanas ondulados como francezinhas do *Boulevard*. A tribu, vendo seus homens ondulados daquella maneira tão ridicula desentoou em côro o Hymno Nacional da Vergonha...

"Pello de Condor" e seus homens tentaram em vão supprimir de suas cabeças aquelle pittoresco penteado e alisar novamente seus cabellos com oleo de cerdo adulto. Afinal, vendo que era inútil qualquer tentativa, os pobres sequazes de "Pello de Condor" foram obrigados a suicidar-se em massa com seus mais oxydados punhaes.

Entretanto, os outros pelle-vermelha de ambos os sexos haviam começado a desertar de suas honradas cabanas, para ir á procura do mysterioso "Diabo Branco", que tão admiravelmente sabia ondular os cabellos como um *coiffeur* parisiense. De sorte que tudo quanto restava da tribu do "Boi Ensanguentado" teve que implorar perdão, de joelhos, ao cansado e acthmático *sheriff*...

POUCOS mezes depois, em uma radiosa manhã de maio, deante de um pastor escossez e de uma objectiva da Paramount, o genial Jim Mac Ramay recebia como esposa, no pequeno presbyterio do povoado, a loira Mabel, sua adorada *maçanzinha da California*, emquanto, em signal de alegria, os *cow-boys* e as *cow-girls* do West faziam crepitar seus revolvers em todos os ranchos de dez léguas em torno.

ANNO XXVII

# FON-FON

NUMERO 12

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 25 de Março de 1933

## Vida Bohemia...

ELCIAS LOPES

— PSIU! Psiu! Psit!!...

Volto-me, a sentir pesar sobre o meu hombro esquerdo a mão enluvada de uma mulher, regularmente forte, typo da "faussemaigre".

Seus olhos azues, muito abertos, muito rasgados, reflectem, terna, cariciosamente, dois minusculos retalhos do céo de saphira, maravilhosamente limpido, que paira sobre nós, na tarde tropical deste encontro inesperado.

E desfloram um sorriso de creança, esses olhos commovidos de mulher em plena exhuberancia outomnal. E dançam, inquietos, trefegos, no engaste illuminado de suas orbitas.

O extranho sorriso desses olhos azues?... Esse bailado de azas volitantes de borboletas, que elles bailam para mim, onde e quando eu já os vi e senti?

— *Chéri! Mon chéri! Que je suis ravie, enchantée!...*

Quedo perplexo, a fital-a quasi friamente e meio desconcertado, emquanto, num appello ás minhas recordações de ha vinte annos passados, meu espirito, aturdido, consulta meu coração.

— *C'est d'une façon semblable que tu me revois aprés de si longues années? Ah! Ingrat! Le grand, l'exécrable ingrat!...*

Afasta-se um pouco, ainda a sorrir. Ha, porem, uma duvida e uma interrogação desconfiada no fundo anilado de suas pupillas. O aljofre de uma lagrima aflora naquelles pedacinhos de céo azul, prestes a turvarem-se, e que parecem cantar para mim uma canção de bohemia e de saudade.

— *Les vieux temps... Ne t'en souviens plus, mon chat... C'est comme ça, la vie... Mais, moi, je n'ai jamais oublié le passé... Et le passé c'est, aujourd'hui, toute ma vie...*

Commovo-me. E essa commoção descerrando as cortinas do tempo que velavam o meu passado, tem o effeito de uma senha miraculosa, e abre, uma a uma, as portas de meu coração.

— *Lucienne!*

— *Ah! chéri! Tu n'as pas oublié, ta petite Lucienne! Que je suis contente!... Trés contente et ravie, mon amour, mon doux et vieil amour!...*

*Jadis... La bonne vie á nous deux... Tu te souviens, oui...*

Lucienne, pequenina, esbelta, com a sua cabelleira de oiro fulvo a coroar-lhe a cabeça e seus olhos azues sempre a sorrirem, sempre a bailarem — a *petite Lucienne adorée* de vinte annos atraz, com seu "arzinho" de garôta e de *grande dame* — como tinha mudado, como estava differente!

— Um *drink*, queres?

— Sim, quérridô... *Toujours gentil...*

No *bar* trocamos confidencias. Recordamos, revivendo o passado. E, dentro desse ambiente de cinza e de saudade, como reviveu esplendida a illusão dos nossos vinte annos!

Ella, a francezinha álacre da rua do Cattete, *mignonne et souple* como uma figurinha de Sévres, era, ali, naquelle momento, um symbolo vivo da minha vida de bohemia.

Outrora... A vida hoje, é tão differente!...

A vida? Não. Nós é que mudamos e nos fazemos differentes... A vida... A vida é sempre a mesma, hontem, como hoje, como amanhã... A alma da gente, essa é que nos rouba, mais dias menos dias, a divina maluquice da *joie de vivre*.

— *L'ame? L'ame, seulement? Et le cœur, ce traître de cœur, chéri?*

— O coração? O coração, Lucienne, não envelhece nunca, porque, mesmo quando a alma de todo o desampara elle ainda vibra e palpita, e ama e soffre, amando e soffrendo a saudade de todas as suas saudades...

— *Tu as raison. Le cœur est un bon et loyal ami...*

— Sim. Agora mesmo, viste, foi elle — o meu coração — que se lembrou de ti, da *petite Lucienne de ma vie de bohême...*

— *Aujourd'hui, chez moi, oui?...*

— Ah! não é possivel...

— *C'est bien... tu ne m'aimes plus... Je ne suis, pour toi, qu'un ombre du passé...*

— Uma sombra illuminada, Lucienne...

— *Paradoxal!...*

— Uma suave visão de cabaret...

# O MEU "DIARIO" DE MOMO

«SABBADO GORDO— O carnaval é uma festa brutal. Baccho, sendo o seu patrono gozador, exige que cada folião lhe renda as suas homenagens.

No carnaval é necessario, pois, que se beba que se dance, que se cante, que nos entreguemos a toda sorte de desvarios e deboches. Quem se não integra nesse pandemonio, fica fóra da sua época.

Confesso que a brutalidade carnavalesca fére, fundo, e machuca a minha sensibilidade.

Não gosto da festa bruta de Momo...

Entretanto... (Deixem logar para uma consideração opportuna...) Entretanto, senhora, eu gosto do carnaval para aturdir um pouco a minha alma esquisita. Temperamento volavel, inquieto, amigo de sensações novas, incerto e accidentado como um systema orographico, eu amo as emoções fortes que passam. Mas, emoções sentimentaes, entendam bem. Aquellas que imprimem sulcos profundos em nossa psyché, como passos na areia frouxa da praia — e que se apagam depois, sob o beijo da espuma das ondas...

No meu caso, o beijo que mais convem é o das ondas; é o de uma bocca vermelha, que se entreabre para o amor, como o bico de um passaro cançado.

Deixemos a ave fatigada, e falemos no sabbado de carnaval.

Que fiz eu nesse dia ruidoso? Dancei. Uma garota linda, pequenina, de voz lyrica e velada de melancolia. Uma bella *gamine*, cujos olhos supplicavam vertigens e peccados. Uma garota, o torvelinho dos sambas e maxixes. Um beijo funambulesco, isto é, um beijo louco, imprudente, audacioso, — um beijo que vem da bôcca voluvel de Colombina para a bocca atrevida de Arlequim...

### SILHUETAS DO CARNAVAL

A senhorita Leopoldina Bello apresentou, nas festas carnavalescas deste anno, uma rica fantasia de «castellã medieval».

(Photo Paul — Rio).

O resto... O resto?... Direi como no soneto de D'Arvers:

*Mon ame a son secret,*
*[ma vie a son mystére...*

*Domingo* — Seria melhor que eu puzesse aqui uma serie comprida de reticencias — como se faz em certos capitulos de romance, onde o autor ou tem muita coisa grave a esconder ou o assumpto lhe falta por completo...

Mas, por que reticencias, si todo o meu domingo gordo foi uma interrogação palpitante? Uma interrogação tanto se ergue deante de um encantamento, de uma impressão amavel como em face de uma grosseria irritante... Decifrem o meu pensamento, senhores — si é que isso os interessa de algum modo...

Em todo caso, quando, hoje, recordo o carnaval de 1933, logo me canta na memoria em repouso o estribilho daquelle fox indolente e penetrante como um sonho de amor: *Aquelles olhos verdes...*

Olhos verdes? Eu poderia dizer que sou paradoxal. E accrescentar, num absurdo galante: amo os olhos verdes porque adoro os olhos escuros de alguem...

Mas, como estou parecendo vulgar!...

Continuemos o nosso côrso de domingo — com aquellas bellas pequenas, que enfeitavam a cabeça, como as vestaes, — com florzinhas dos campos, e a bôcca com sorrisos de Pierrettes alegres...

Olhos verdes...
Olhos escuros...
Pierrettes de cabeças de nymphas...

E uma gaitinha frajola, activa nos sambas e marchas:

*Morena,*
*Linda morena,*
*que me faz penar...*

*Segunda-feira* — Oh! que decepção! Que baile desinteressante! Que sêde de barbara! E que saudade insistente do "Sabbado-gordo", com a "gamine" fingida, cujo beijo, vermelho como uma serpentina, tinha o gosto de um lança-perfume paulista...

Evoé Momo!
Outro baile!
Luzes. Delirio. Espheras de borracha no ar. Bolas-cheias de vento... Symbolo perfeito da ephemeridade dos prazeres humanos.

Bolas cheias de vento...
Bôa bola, não?
Ora bolas!

*Terça-feira* — Os prestitos carnavalescos. Os Pierrots... Os Fenianos... Os Democraticos...

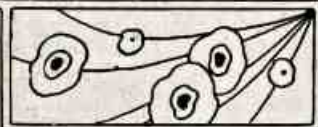
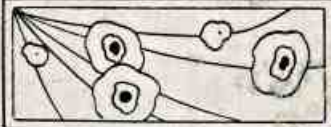
(*Conclúe na pag.* 26)

# A Sociedade Paulista

Senhorita Adelaide Prudente de Moraes.

Senhorita Zilda Andraus.

Senhorita Leilah Rodrigues.

(Photos Cerri — S. Paulo).

RIBEIRO COUTO é um dos valores mais solidos das letras nacionaes. O seu nome, de larga projecção no scenario da nossa literatura, de ha muito atravessou as fronteiras do paiz, de que dão prova os seus livros vertidos para o francez. Poeta, jornalista, mestre da chronica leve, scintillante, conteur e romancista, Ribeiro Couto nos tem dado, a despeito da sua mocidade, uma obra copiosa e digna de meditação. Citar os seus trabalhos? Dizer qual o de maior diffusão? Não é facil. Ahi estão "Bahianinha e outras mulheres", "Cabocla", romance de psychologia e de estudo da nossa ethnica; "A casa do gato cinzento"... E os poemas? Lembramos apenas esse primor de fundo e de forma: "Jardim das confidencias".

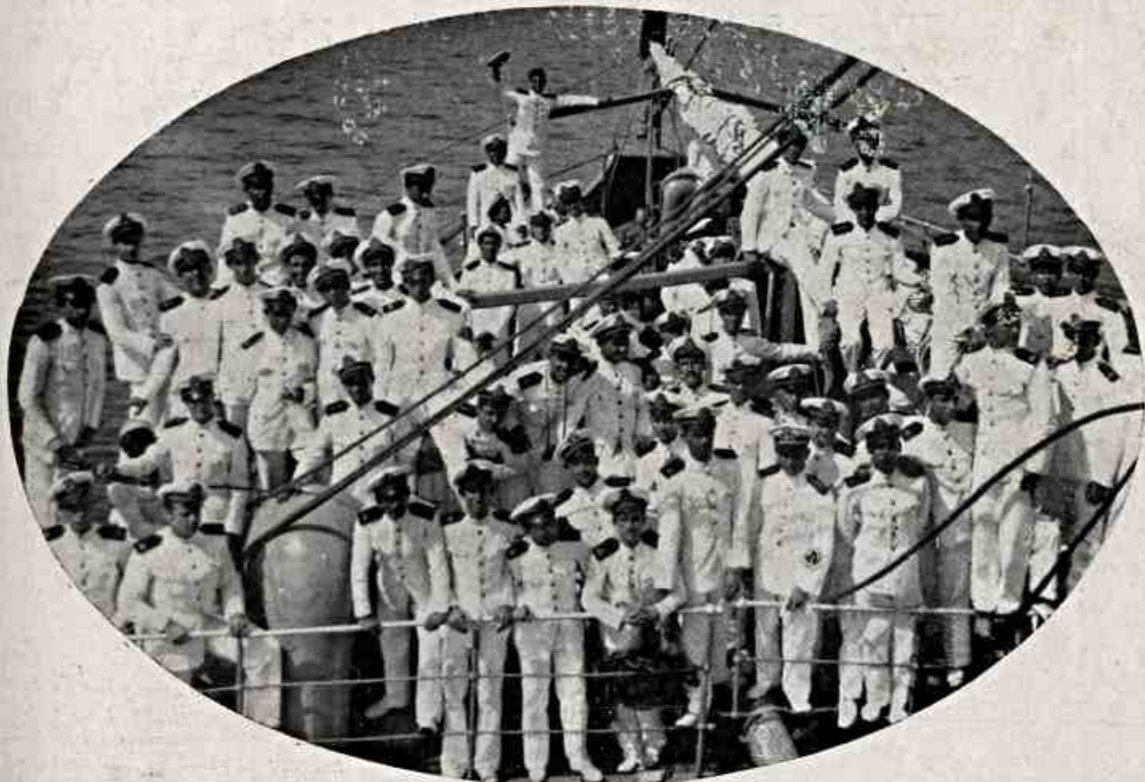
Pois Ribeiro Couto nos offerece agora — e já com os rumores de um franco successo de venda — o seu ultimo livro de contos, "Club das esposas enganadas". Nesse livro Ribeiro Couto, mais uma vez, confirma as suas preciosas qualidades de estylista brilhante e psychologo subtil.

# POEMA DE RIBEIRO COUTO

*Chiquita, Bilu, Das Dores, Senhorinha,*
*Onde estaes vós, meninas do meu tempo?*
*Umas tinham cachos, outras tinham tranças...*
*Meninas da vizinhança, daquelle tempo,*
*Onde estaes vós vivas ou mortas, lindas ou feias!*

*Chiquita pulava na corda e brincava de pique,*
*Das Dores gostava mais de cantar de roda,*
*Senhorinha era rica, tinha orgulhosos laços de fita,*
*Bilu dizia historias, contos de fadas,*
*Bilu conversava baixinho commigo,*
*Bilu ia casar commigo.*

*Nada sabeis de mim, sombra do vosso tempo,*
*De mim que venho scismar nas ruas de outrora*
*E olho com tristeza as casinhas antigas.*
*Nos pequenos jardins ha pés de sabugueiro.*
*Serão os mesmos que perfumava nossos brinquedos?*
*As meninas que cantam de roda e pulam na corda*
*(Umas têm cachos, outras têm tranças)*
*Serão vossas filhas, do vosso amor ou das vossas penas?*
*(Só talvez Senhorinha ande ahi pelo mundo,*
*Cheia de joias, de laços de fita, sabe Deus como.)*

*O' minha infancia, adeus, morreu toda a innocencia!*
*Entre imagens fieis que habitam commigo*
*Caminho devagar para a serenidade.*
*Sêde os meus anjos, imagens fieis!*
*Vinde voar assim, com cantigas de roda,*
*Vinde bater as azas, anjos do meu tempo,*
*Vinde cantar em voz velada ao meu ouvido*
*Para que com doçura eu receba a morte.*

**MULHERES...**

As mulheres que só conheceram uma paixão feliz não sabem o que seja o amor.

**Duflot.**

A turma de guardas-marinha que acaba de fazer uma viagem de instrucção ao norte do paiz, a bordo do «Calheiros da Graça», e o almirante Amphiloquio dos Reis, director da Escola Naval, em companhia do commandante e officialidade daquelle navio-escola, no dia em que o mesmo lançou ferros na Guanabára, de regresso dos Estados nortistas.

Haveria menos mulheres enganadas si ellas soubessem preferir o homem que as ama, áquelle a quem ellas amam.

**Mme. Duyoner.**

# Caverna de Ali Babá

Reis Carvalho, nosso querido e illustre collaborador, é um nome que dispensa qualquer apresentação. Reis Carvalho (Oscar D'Alva) é um dos mais acatados representantes da cultura brasileira. Nelle se reúnem, numa formosa communhão, o jornalista, o poeta, o pensador, o critico e o philosopho. E, sob qualquer um desses aspectos, Reis Carvalho é um espirito vibrante, luminoso, empolgante, não só pela firmeza das suas idéas e da sua competencia, mas, tambem, pelo fulgor da sua penna. Reis Carvalho acaba de synthetizar, numa interessante «plaquette» — «Philosophia Primeira» — uteis e preciosos ensinamentos. O seu trabalho, que bem se póde chamar didactico, possúe, ao mesmo tempo, o grande merito de ser vasado numa fórma elegantemente literaria, o que lhe realça, indiscutivelmente, o valor. Com a sua «Philosophia Primeira», o conhecido critico de arte presta ás nossas letras um relevante serviço.

## UM HEROE DE OPERETA

*D. Juan O' Leary é um escriptor paraguayo que tomou a hombros a pesada tarefa de rehabilitar a memória do dictador Solano Lopez, e de tornál-o heroe epónimo de seu povo. Para isso, não se péja de lançar mão de todos os recursos, denegrindo de maneira aleivosa, sinão infame, o Brasil imperial.*

*O curioso, porém, é que a mãe de O' Leary foi uma das victimas da crueldade de Solano Lopez. Enfurnada num calabouço infecto, accusada de traição á patria, foi condemnada ao desterro nos confins do paiz. Elle proprio conta isso em letra de fôrma, accrescentando que os tios, irmãos della, foram mortos uns após os outros, lanceados, mettidos no cêpo, de miseria e de fome. Seus irmão-zinhos pequeninos pereceram de inanição nas soledades do desterro materno. "Pobres hermanitos mios!" exclama D. Juan, e conclue: "Para tus verdugos y para los verdugos de nuestra patria — perdoname madre mia — mi odio es eterno. Tu perdonaste al tirano. Yo no lo perdono".*

*Hoje, o escriptor esqueceu as torturas maternas e o seu juramento publico, e vive de apregoar até a castidade de Lopez, em livros falsos e insultuosos ao Brasil, como* Nuestra Epopeya *e* El Mariscal.

*Ainda recentemente compunha para ser cantado nas escolas de Assumpção, com musica do maestro Cesar Manzoni, um hymno ao marechal Lopez em que ha quadras desta natureza:*

Arquetipo gigantesco
De la raza guaraní,
Eras alma de la patria
La razon de su existir.

López! López! Padre augusto,
Refulgente paladín,
Por ti fuimos y seremos,
En perpetuo devenir!

*Os versos são bastante ordinarios e as idéas o que póde haver de mais terra-a-terra, denunciando uma inspiração trivial. Nem póde ter melhor, para glorificar um monstro por méra attitude scenica, o neto dum fuzilado, o sobrinho dum desfeiteado e o filho duma digna senhora vilmente açoitada pelo tyranno, heroe tragico de opereta, que, á custa do bom nome do Brasil, elle quer transformar em um ser superior... Livra!...*

SÉSAMO

O conhecido escriptor Hormino Lyra, um dos mais antigos e assiduos collaboradores de FON-FON, autor de «Dona Ede», romance publicado ha alguns annos, (esgotado) e de varias obras ineditas, como «Batalha de Amôr» (romance), «Coisas da vida» (contos), «Cambiantes» (versos). Esse nosso illustre e querido collaborador acaba de entregar á casa editora «Livraria do Globo», de Porto Alegre, os originaes do seu livro «O 14» (contos brasileiros), o qual, em maio proximo, já deverá estar exposto nas principaes livrarias desta capital.

Modesto de Abreu, da Academia Carioca de Letras, e brilhante espirito da nova geração, acaba de publicar um livro intitulado «Exumação», no qual revela apreciaveis qualidades de estylista e observador das coisas e dos homens. «Exumação» reúne varios e curiosos flagrantes da vida real, contados com leveza e graça, com simplicidade e «humour». Flagrantes apanhados no tumulto da profissão jornalistica, que o autor exerce como um perfeito homem de imprensa, e na inquietação da propria vida de educador e artista. Por isso mesmo, é interessantissimo o livro de Modesto de Abreu, tambem bem poeta de sensibilidade affirmada em obras anteriores.

## FELIPPE DE OLIVEIRA

Afim de agradecer as referencias que, com justiça, fizemos ao saudoso e querido poeta Felippe de Oliveira, quando noticiámos o seu tragico desapparecimento e a chegada de seus despojos mortaes ao Rio de Janeiro, estiveram na redacção de FON-FON os srs. dr. João Daudt d'Oliveira e João Daudt Filho, respectivamente irmão e tio do brilhante artista de vida extincta.

## «MISS BRASIL de 1932» NO BOTAFOGO F. C.

Elegante, fina e, sobretudo, animadissima, foi a recepção que o Botafogo F. C. offereceu, domingo passado, á senhorita Yêdda Telles de Menezes, a galante detentora do titulo de «Miss Brasil», de 1932, eleita em Paris pela colonia brasileira. A reunião constou de um lindo jantar-dançante, no qual tomaram parte a homenageada e a sua illustre progenitora, a cantora patricia senhora Juliêtta Telles de Menezes e innumeras pessôas da nossa alta sociedade. Os salões do club alvi-negro tiveram assim, no domingo ultimo, uma noite encantadora, de grande brilho mundano e de alta significação esthetica. A nossa pagina offerece dois aspectos da elegante festa social e uma photographia da senhorita Yêdda Telles de Menezes, que acaba de chegar da Europa, em companhia da senhora Juliêtta Telles de Menezes.

O sorvete-dançante que a directoria do America F. C. organizou para os associados do campeão do Centenario, e que se realizou na noite de sabbado ultimo, resultou numa festa digna do prestigio daquella sociedade sportiva.

## RENDAS DE ESPUMA

*(Conclusão)*

Tenentes... Fogos japonezes. Allegorias douradas. Mulheres que jogam beijos ao povo. Palmas...

Meia hora depois — a disputa dos bondes da Light. Avança... Empurrões... Que aperto damnado! Que calor! Que physionomias cançadas! Que somno!

Estupido o carnaval, não?

*Até amanhã,*
*Si Deus quizer...*

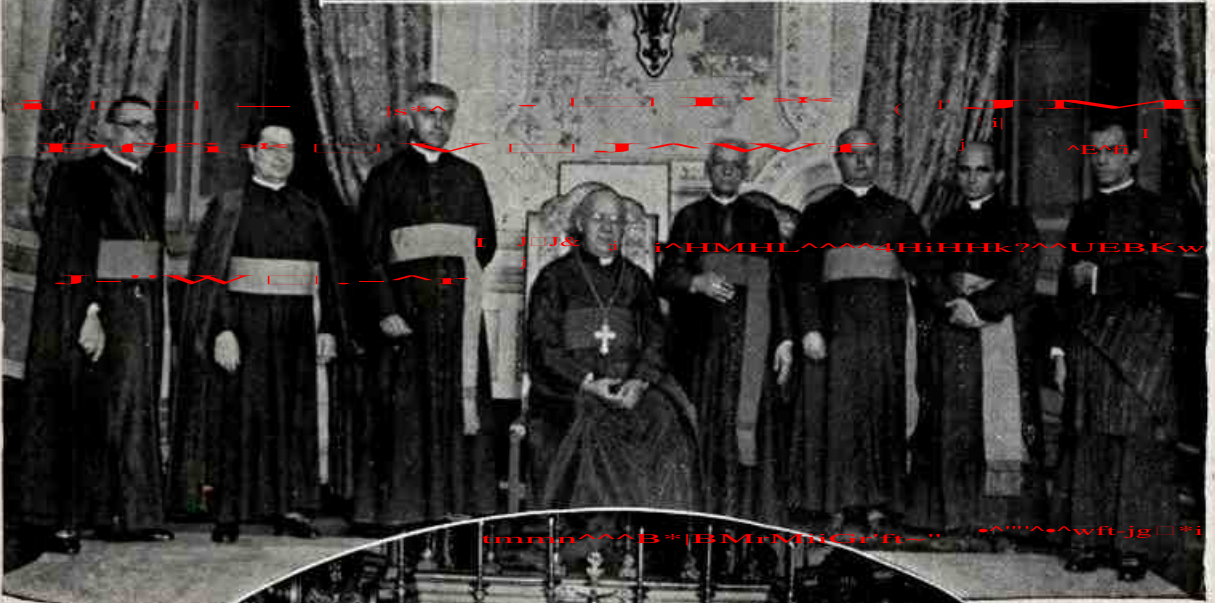
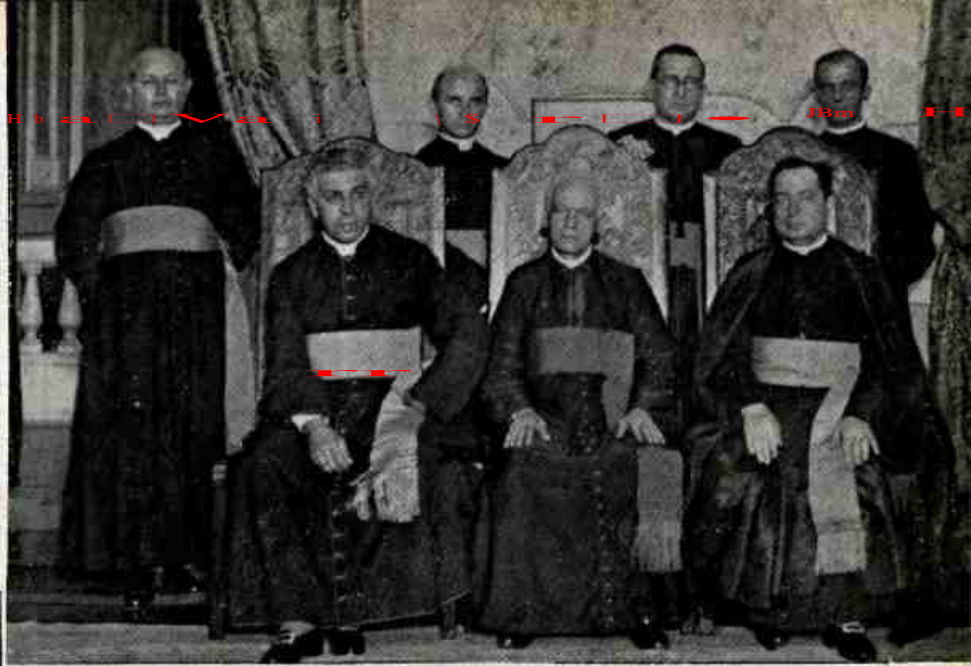
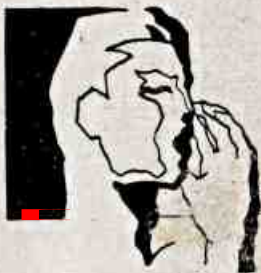
*Quarta-feira de cinzas* — Tedio! Bocejos longos... Assignar o ponto na repartição... Escrever uma chronica sobre Momo.

Convenhamos: o carnaval é uma estupidez...

YVES

Alcançou brilhante exito a festa de arte que o Tijuca Tennis Club offereceu, na noite de sabbado, aos seus associados. Tomaram parte no programma varias figuras de destaque em nosso mundo artistico.

## AS NOVAS DIGNIDADES DO CABIDO METROPOLITANO DO RIO DE JANEIRO

S. s. o papa Pio XI nomeou os novos dignatarios do Cabido Metropolitano do Rio de Janeiro, recahindo a escolha em monsenhores Rosalvo da Costa Rego, Francisco de Mello e Souza, Virgilio Lapenda e Assis Caruso e conegos Alfredo Vasconcellos e Gastão Guimarães Neves. Sabbado passado, teve lugar, no Palacio S. Joaquim, a cerimonia da collação das novas dignidades, tendo estas prestado, antes, o respectivo compromisso perante s. e. o cardeal d. Sebastião Leme. Nossa gravura representa a solennidade realizada no Palacio S. Joaquim e a da posse, na Cathedral Metropolitana.

## DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

### I

MEU GRANDE AMIGO — *Não sei si ainda viverei um pouco na sua recordação. Não o sei, não, tão pouco confio no coração dos homens. Mas, como o tempo, quand les neiges de l'hiver de notre vie commencent á tomber, se compraz em aproximar, em intimas confidencias, as almas que, no passado, um dia, se conheceram e amaram, eu, entre receiosa e confiante, venho pedir-lhe, por um instante, um cantinho esquecido no borralho amigo do seu coração sempre moço.*

*Sim, porque moço e bem moço — eu o sinto — continua a ser esse volucel coração de homem que já foi tão meu, tão meu como de muitas outras mulheres!*

*Eu sempre lhe dizia — lembra-se? — que você, meu querido amigo, seria uma especie de impenitente sonhador, que, para viver, amando e comprehendendo a vida, teria continua necessidade de semear prodigamente em derredor de si a semente doirada de toda suave illusão.*

*A plethora sentimental do seu coração, meu amigo, tem, no emtanto, feito mais mal a você proprio que ás mulheres que, como eu, se enredaram na teia emocional da sua exaltação amorosa.*

*Mas, não pense que me queixe, ou lamente o tempo, bem curto, aliás, em que foi meu e só meu seu coração — moinho de vento. Não. Tanto que volto a procural-o, commovida de saudade, e só para ter a alegria infantil de lhe murmurar ao ouvido: meu amor, meu grande amor do passado, escute, procure escutar a vóz de velludo do silencio, e sentirá cantarem ainda, nas azas do moinho de vento de seu coração inconstante, a alma e o coração inquietos da mulher que, talvez, mais o amou na vida, porque o amou na illusão e na realidade da sua vida, amando o homem versatil, que você é, como sonhador, e a "creança soffredora", que tambem é, quando não pode fugir ao ambiente de realidade que marca a feição concreta e positiva das coisas.*

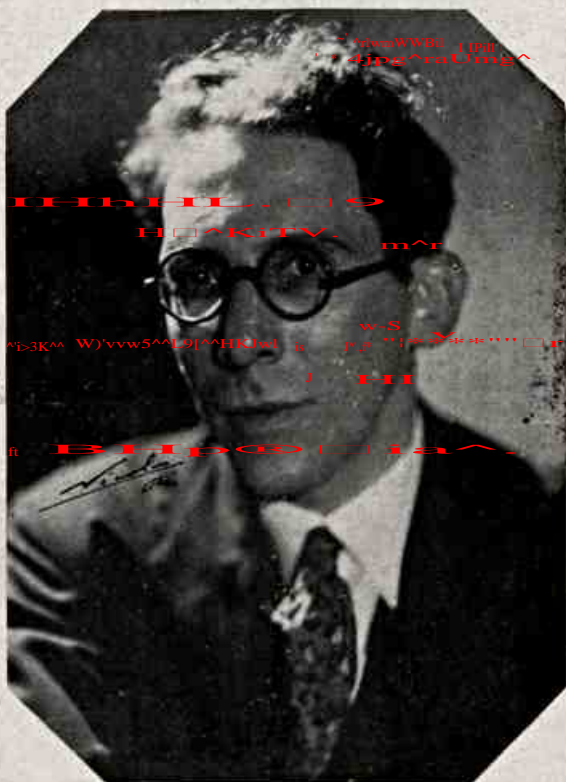
*E eu amei em você meu inesquecivel amigo, a creança e o homem, o homem e a creança, indistinctamente, sem nunca separar de todo uma do outro...*

*Depois, como você.... casei-me. E matei, em mim, a mulher que fui para o seu amor, para ser sómente a esposa de meu marido. E bem sabe o que de doloroso e triste é, para uma mulher como eu, com a minha alma e o meu coração, ser apenas a esposa do homem que lhe deu um lar e um par de filhos, em cujo amor encontra, felizmente, o seu unico refugio de consolação!*

*Escute: si eu ainda viver um pouco na sua saudade, escreva-me, responda-me, para que não se desfaça de todo a ultima e suave illusão que ainda me faz crer no amor dos homens, no seu amor: — a illusão de que, de vez em vez, você, meu querido, tambem sente saudades da pequenina "gatinha borralheira" que, um dia, ha muitos annos, já, fez rebentar, numa opulencia de primavera, a fragrante floração de sentimento do seu volucel coração...*

*Sua, sempre,*

CENDRILLON

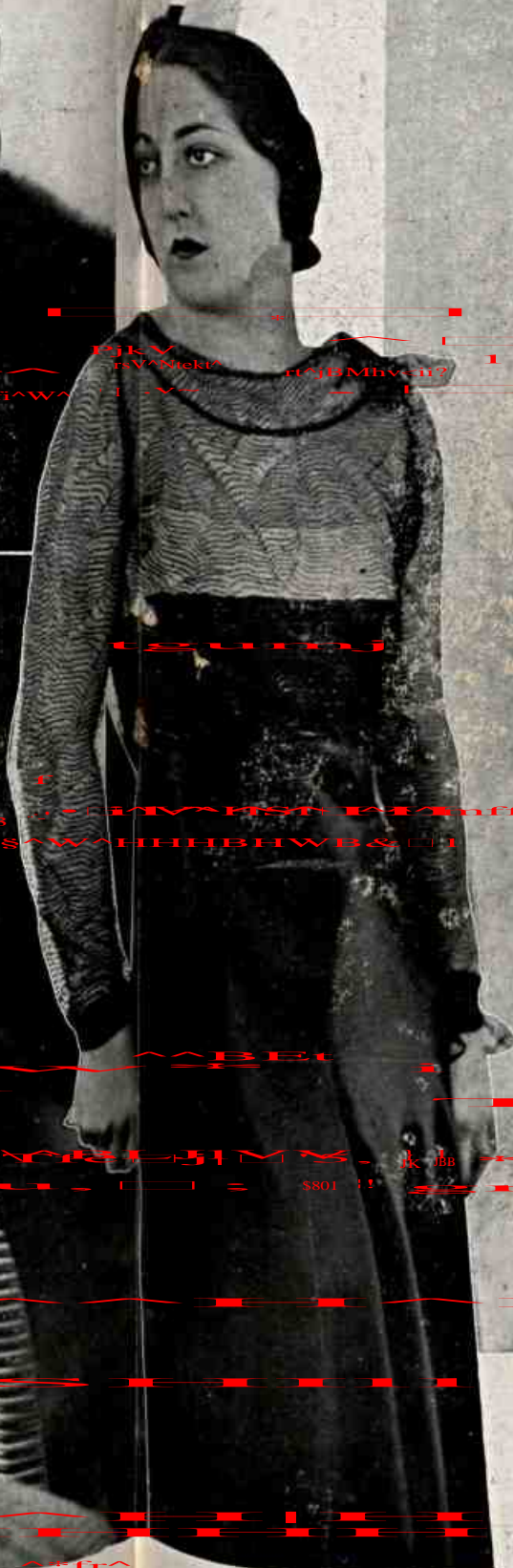
**POETAS DE HOJE**

Murillo Araujo, o magnifico poeta de «Carrilhões», «A cidade de ouro» e «A illuminação da vida», publicou este mez o seu novo livro: «As sete côres do cêo». Laureado pela Academia Brasileira de Letras, que premiou o seu livro «A illuminação da vida», Murillo Araújo, modesto, scintillante e fidalgo, tem um nome de relevo na literatura brasileira, como poeta de raça, que é, e uma das mais luminosas sensibilidades de seu tempo. Seu verso é claro e vibrante, cheio de luz e vigor, de inspiração e de belleza. Artista do sentimento e da fôrma, elle canta a apotheose da vida e a melancolia dos destinos em poemas da mais fina contextura emocional, revelando em tudo uma portentosa imaginação e uma serena visualidade de paizagista. Colorido, harmonia, simplicidade são as caracteristicas principaes da poesia de Murillo Araújo, figura de grande projecção nos circulos intellectuaes do paiz.

O Automovel Club do Brasil offereceu, na penultima quinta-feira, o seu primeiro sorvete-dançante á fina sociedade que ali habitualmente se reúne. Foi uma festa linda e brilhante, que teve inicio com uma parte artistica na qual se exhibiram, com successo, entre outros nomes applauditos dos salões cariocas, as senhoritas Laura Suarez, Lilian Paes Leme e Marilia Baptista e os senhores Bento Gonçalves e Mario Cabral. Terminada a hora de arte, começaram as danças, no salão do restaurante, prolongando-se animadamente até uma hora da madrugada. O «cliché» desta pagina focaliza um aspecto do salão do Automovel Club onde se realizou a parte artistica da festa do dia 16.

# A MULHER CHIC — Creações Jean Patou

Feutre noir.

Blouse de crêpe accordéon vert. Feutre vert, fantaisie de galalith.

Velours rouge à pois noirs. Plumes mêmes tons.

Taupé beige garni d'un gros grain marron et d'une fantaisie de plumes.

Robe de dentelle rose et noir et satin noir.

(Photos especiaes para FON-FON).

# TRIPEPIAÇÕES

Mario Guimarães Reis é um menino prodigio. Tem apenas 15 annos e já revela admiraveis qualidades de virtuose do piano. Interpreta os autores mais difficeis, empolgando os mais exigentes auditorios Pernambucano de Recife, o pequeno-grande pianista é filho do sr. Waldimiro M. Reis e de d. Amelia S. G. Reis, que pódem orgulhar-se de ter dado ao Brasil um legitimo artista, de alta sensibilidade.

DURANTE a revolução paulista, ficou celebre entre os combatentes certo aeroplano appellidado de *vermelhinho*. O piloto destemido cabriolava no espaço, infundia certo pavor pela precisão da acção e nunca era alvo das balas inimigas. Pois a nossa capital tem agora uma *baratinha* que se vae tornando celebre nas correrias e pela bravura do *chauffeur*, que pratica o *sport* perigoso de atropelar todas as mulheres que encontra pelo caminho...

E, como o carioca tem a vérve de chrismar as coisas, já deu tambem nome á *baratinha*, que é agora conhecida, nos meios bohemios, pela *vermelhinha*...

Realmente, a bichinha encarnada está revolucionando os arrabaldes onde ella apparece, e, si continuar na pratica da missão a que vem se entregando, breve as victimas terão de usar pó azul para amainar o enthusiasmo do *chauffeur*.

Onde a *vermelhinha* descobre uma saia, estaca. Si a dama se affasta, cautelosamente, a *vermelhinha* inicia a sua ronda, suppondo que a persistencia acaba sempre vencendo os maiores obstaculos... Pelo geito, a baratinha tem ainda de occasionar sérios desastres pois existe muita gente que se impressiona com o rubro das suas azas...

Pedrinho, galante filhinho do dr. Francisco de Paula Rosenburg. Na cidade de Varginha, Minas, ninguem desconhece a loira figurinha desse intelligente garoto.

E o romance continúa...

Começou naquelle sabbado gostoso de carnaval, quando a multidão delirava nas ruas e o mundo elegante punha em alvoroço os salões guizalhantes de alegria.

Foi depois de algumas taças de *champagne* que o conhecimento se fez.

A linda figurinha foi enlaçada pela cintura pelo rapaz capitalista e os dois perderam-se entre os pares entregues ao prazer das danças.

Pela madrugada, na meia luz do enorme terraço que deita para o mar, fomos surprehendêl-os, juntinhos, agarradinhos, fazendo tolices...

Tão natural era a scena para uma noite carnavalesca, tanto outros casaes se divertiam mordendo o morango dos labios, que passámos, sem outra manifestação além de um sorriso... Depois, não mais pensámos no caso, até que soubemos da continuação do lindo romance, da vida *socegada* do joven casal, ali num arranha-céo do bairro *chic*. Pois o rapaz está inteiramente dominado pela fragil tanagra, de tal maneira absorvido pelos encantos da rapariga, que por vezes nem apparece no escriptorio, deixando os negocios seguirem a sua marcha natural... E naturalmente, tambem, si não apparecer nenhuma nuvem no horizonte, tão cedo não voltará ao seio dos amigos, que andam devéras intrigados com o mysterioso desapparecimento do rapaz. E' que o ninho é maravilhoso, mui proximo da abóbada celeste... Ali, sonhar é uma delicia!

Alda Madeira Silva, uma pequena e linda foliã de Victoria, no Espirito Santo. Com a sua esquisita fantasia, fez, ali, grande successo no ultimo carnaval.

Realizou-se segunda-feira a solennidade da abertura das aulas na Escola Secundaria annexa ao Instituto de Educação, sentando-se á mesa da presidencia o professor Lourenço Filho, que se achava ladeado pelo professor Mario de Brito e pelos srs. José Figueiredo Machado, representante do director da Instrucção Publica Municipal; Adalberto de Oliveira e Miguel Daltro. Focaliza o nosso «cliché» dois aspectos da cerimonia.

Para commemorar o anniversario onomástico do marechal Pilsudski, libertador da Polonia, o ministro Grabowski offereceu, no ultimo sabbado, 18 do corrente, recepção aos membros da colonia poloneza do Rio de Janeiro, que accorreram ao palacio da legação do paiz amigo, á praia de Botafogo, afim de cumprimentar, por aquelle motivo, o illustre representante diplomatico da Polonia, que se vê no grupo, cercado de seus compatriotas aqui residentes.

# Resurreição

UM dia, quando voltei para casa, trazia na mão quatro sementes, quatro pequeninos caroços negros que apanhára ao acaso, no matto por onde tinha andado. Tudo, aos olhos da infancia, parece poder ter utilidade e não ha quem, na meninice, não tenha collecionado pregos e cordões, papeis prateados e pedaços de vidro...

Mas as sementes anonymas demoraram pouco em meu poder.

Atirei-as descuidosamente junto ao tronco de uma velha tamarineira que ladeava a casa, plantada á margem do rio.

E não mais pensei nellas...

Mas, um dia, algum tempo depois, junto ao caule rugoso e muito velho da arvore decadente que nem dava mais fructos, appareceu um novo organismo vivo. Foi, a principio, uma folhasinha tenra, muito verde; depois, uma haste longa, contorcida, que parecia forcejar por emancipar-se da terra e buscar o sol; mais tarde, uma vergontea esguia, pontilhada de folhas pequeninas e de gavinhas que se atiravam para todos os lados na ansia de um ponto de apoio.

Abandonado, tendo apenas por si o aconchego da terra fecunda que o rio, murmurando a dois passos dali, humedecia, o novo vegetal cresceu, avançou, subiu, obedecendo á lei da vida. As suas espiraes verdes, tão tenras que pareciam transparentes, bem depressa encontraram o tronco rugoso da tamarineira, em cujas callosidades se enrodilharam, e o novo organismo, apoiado á indifferença bôa da arvore velha, caminhou para o alto. Em duas semanas, exhibindo uma verdadeira orgia de vitalidade, tinha quasi tres metros; em um mez, era já uma trepadeira vistosa, que envolvia por completo o velho caule dando-lhe uma apparencia de remoçamento, fazendo com que a casca endurecida e fendida desapparecesse por completo sob um verdadeiro alluvião de folhas verdes, muito verdes.

E a velha tamarineira, que desde muitos annos deixára de se cobrir de flores e deixára de dar fructos, parecia orgulhosa sob aquella caricia que lhe cingia o busto forte e promettia subir até envolver-lhe por completo a cabelleira desgrenhada dos ramos pardacentos e nús.

Offegante, desprendida, generosa, buscando vida e espalhando belleza a trepadeira nova subiu, insinuou-se pelos primeiros ramos, buscou as hastes mais altas, tomou conta, em pouco, de toda a veneranda copa núa, que, agora, surgia recoberta, como si um gesto magico tivesse restituido vida ás cellulas que a seiva não mais irrigava...

E, quando chegou abril, operou-se o grande milagre. A trepadeira floriu, abrindo para o sol o grito das suas flores roxas, que eram aos milhares, em uma profusão louca. Ellas cobriam por completo a velha arvore que estava condemnada a morrer no abandono, a arvore que nem mais cumpria a missão bôa de dar sombra. De onde quer que se olhasse — da margem do rio, do alto da collina, até mesmo da repreza distante — via-se, por entre a bruma das manhãs ou através a luminosidade das tardes, uma grande cupola roxa que fazia lembrar o zimborio de um templo consagrado á tristeza.

E ninguem diria que as flôres não fossem da arvore. Ninguem acreditaria que existisse ali, insinuado entre os ramos velhos, um outro organismo que renunciava até mesmo ao prestigio da sua belleza para enfeitar a amiga que lhe déra apoio na infancia.

A tamarineira voltou a ter vida. Aos seus ramos voltaram os pássaros; os seus galhos tornaram a sustentar ninhos; e a sua sombra voltou a projectar-se sobre a terra manchando de negro a margem do rio. A ultima vez que eu a vi, ella continuava a morrer, privada de seiva, mas parecia morrer feliz, em uma derradeira illusão, coberta com as flores da trepadeira, que lhe enfeitavam a copa e lhe davam, o mesmo tempo, o envoltorio de um sudario roxo sob o qual o passaredo cantava...

. . . . . . . . . . . . . . . .

O destino reproduziu em nossa vida o que a natureza fez, um dia, com dois vegetaes, junto á casa da provincia onde vivi.

Quando você surgiu, moça, abrindo muito os olhos para a vida, criança na sua arrogancia de quem quer ser mulher, eu já me havia despido dos sonhos e das illusões e estava parado, sacudindo os ramos séccos do meu pessimismo para o infinito do futuro. Era uma arvore que nem dava sombra, porque a sombra, no homem, são os pensamentos bons de esperança e de fé, que eu não tinha mais.

E muitas idades já tinham passado por mim...

Você encostou-se, enrodilhou-se, deu-me o seu sorriso e a seiva de novas esperanças, das suas esperanças. Com os seus olhos, eu vi paizagens bôas no mundo, e graças a você ouço que começa a cantar aqui dentro o passaredo das illusões que voltam. As suas mãos fizeram tudo reflorir!

Sei bem que essa florescencia não ha-de ficar, porque eu caminho para o grande final cansado de tudo e incapaz de dar fructos, emquanto que você mal começa, irradiante de esperanças: mas si eu havia de acabar tendo apenas na alma os esqueletos de illusões mortas, é bem melhor que acabe coberto com as flores da saudade que você ha de deixar.

Ao menos assim o final bom fará esquecer o passado, tão triste...

Enlace da senhorita Helena de Freitas Moutinho com o sr. Aristogiton Malta, celebrado nesta capital.

## O MOMENTO HUMANO

No momento em que o mundo grita a sua dôr mais aguda e a obra da civilização cede á investida de forças selvagens; quando o homem pensa, medita só na tarefa do proprio exterminio, excedendo nas suas cifras eliminatorias á lei de Malthus; quando do proprio gabinete do sabio parte o anjo de exterminio das guerras modernas, o Satan de azas torvas, e a chimica transforma-se em instrumento de morte, a serenidade do pensamento aconselha a immobilidade da penna.

E', entretanto, o proprio pensamento que não acceita a doce tregua do só prazer mental.

A dôr humana repercute em todas as almas e a quietação é impossivel deante do soffrimento geral.

Xavier de Maistre, na sua romanesca obrinha "Viagem á roda do meu quarto", referindo-se a uma pastorinha que recolhia o seu rebanho nas cercanias dos Alpes, em cujas proximidades ecoava o trôar do canhão, dizia-lhe, compassivo: — "Foge, pastorinha, junta o teu rebanho, esconde-te nos antros mais remotos e mais selvagens: já não ha repouso nesta triste terra".

O delicado escriptor ouvia apenas o troar do canhão nas cercanias dos Alpes e apiedava-se da sorte da pastorinha com o seu rebanho. Quando, porém, o trôar do canhão enche o ambito do mundo, e as nações rilham os dentes na rubra carnagem, como si o pobre homem, recuando na historia e apagando tantos seculos da civilização, repontasse, de novo, na caverna do troglodita, para a luta animal, a disputa, com a féra no mundo hostil dos meros instinctos, o conselho do apiedado escriptor, tão doce ao coração, perde-se no ruido da luta geral.

A alma humana, neste doloroso instante do mundo, só tem uma attitude — ajoelhar e pedir a Deus tranquillidade para os lares que se despovôam.

E o pensador, o contemplativo, olhando o triste espectaculo universal, vê o estrebuchar de uma civilização, morrendo estupidamente, sem, ao menos, a belleza da fogueira em que o faustoso Sardanapalo, fazendo das suas lindas mulheres um cacho de rosas, com ellas se comburio perfumando com as suas cinzas o recanto historico em que figura a sua elegante tragedia.

João Esteves

Ubá, Minas Geraes.

Enlace da senhorita Maria Candida Novaes com o sr. Jayme Novaes Filho, realizado em S. Paulo. (Photo Cerri — S. Paulo).

# Tatuagens Sentimentaes

Por Beni Carvalho

LEÃO DE VASCONCELLOS iniciou o anno de 1933 com a publicação de um novo livro de poemas — *Tatuagens Sentimentaes*.

Depois dos *Poemas para esquecer* e do *Canto Novo do meu Amor*, reapparece esse artista com uma obra de cunho eminentemente pessoal, accentuadamente propria e que, por isto mesmo, está a merecer um flagrante nos seus propositos, na sua technica e, consequentemente, na sua evolução mental. Assim pensando, não insinuamos faltar essa caracteristica ás suas composições anteriores. Ao contrario, nellas, o poeta já definira, com precisão, a sua personalidade, como o notou, com acerto, a critica nacional.

Entretanto, nalguns daquelles poemas, ainda se sentia um certo ambiente lyrico commum aos novos descobridores de Belleza e Emoção, no Brasil.

Si não estamos enganado, o sr. Medeiros e Albuquerque, indo, mesmo, mais longe, accentuou ter a poesia de Leão de Vasconcellos nos *Poemas para esquecer*, soffrido forte influencia de Bilac, e se deixado impregnar da melancolia de Samain e Rodembach. O sr. João Ribeiro disse lembrar ella Tristan Dérème; emquanto o sr. Tristão de Athayde lhe descobriu inspiração verlaineana e tambem de Samain e Guérin.

Isso, só por si, já devera constituir uma bella virtude — a lembrança, a evocação, a resonancia de taes autores na poesia de Leão de Vasconcellos. Mas, si podem ser verdadeiros semelhantes conceitos nas suas primeiras manifestações poeticas, não mais o serão nas actuaes.

Leão de Vasconcellos, no seu ultimo livro, é um perfeito libertario.

Perdeu quasi o contacto com o lyrismo e o symbolismo da sua iniciação. A sua poesia tem, hoje, um sainete inconfundivel. Não conhecemos — pelo menos nas letras nacionaes — autores outros com que possa elle ser comparado.

Descobriu a sua visão esthetica novas fórmas de emoção, estados de consciencia, caracteristicas de uma psychologia estranha, original e toda sua.

Leia-se, como documentação, o que se segue:

*A minha bocca encheu-se de palavras mortas*
*De phrases que foram pedaços de silencio*
*Enternecido de seus olhos ingenuos.*
*(que eram labios de sombra...)*
*Que embora grandes se apagaram na distancia*
*Da sua voz dos dias antigos, que também se perdeu no ruido das coisas.*

*Que o vento novo desta noite leva*
*Para os sarcofagos da ausencia.*
*Para a cinza do desconhecido.*

*Tantas coisas lindas que ella poderia ainda me dizer!*
*Tantos abysmos de embriaguez perdidos para sempre!*
*Tantos abysmos de ternura em seus olhos cerrados!*
*Mas as suas palavras estão mortas.*

*Enche-se a minha bocca do aroma da sua passagem de um dia...*

E mais:

*As minhas mãos creadoras te desejam*
*A ti, que decepaste a sua harmonia.*
*Hoje os meus gestos são inquietos como um adeus...*
*São azas de andorinhas palpitantes de azul*
*Que vão cahir no chão commum*
*Onde ha sombras de rosas e manchas de sombras e pedras.*

(Conclúe na pag. seguinte)

## Ciranda do meu encantamento

D'ALMEIDA VICTOR, joven poeta bahiano, da Academia Literaria dos Moços da Bahia, vae publicar, brevemente, o livro *Ciranda do meu encantamento*, a que pertencem os interessantes versos deste poema que FON-FON estampa em primeira mão. D'Almeida Victor acha-se presentemente no Rio, tendo vindo a passeio e em visita a velhos collegas desta capital.

Na minha rua triste de arrabalde,
quando, como uma esmola de Deus,
feita uma moeda de prata,
muito branca, muito nova,
a lua apparece,
os garôtos, como para ganhál-a
por premio das suas alegrias,
fórmam uma roda,
e começam a brincar, a dançar,
a cantar:

*Ciranda, cirandinha,*
*vamos todos cirandar...*

Eu sinto uma doida alegria
no contentamento ingênuo dos garôtos...
Porque sinto, com a volta da minha Amada,
no esplendor do céu,
na luz do sol,
na belleza da lua,
na alegria do ambiente,
no meu encantamento,
aquella ciranda de alegria, de que brincam
aquelles garôtos que moram
na minha rua triste de arrabalde...

E sem que eu possa prender,
foge-me dos labios, a acompanhar
a roda dos garôtos, aquelle côro alelluial:

*Ciranda, cirandinha,*
*vamos todos cirandar...*

D'ALMEIDA VICTOR

A nossa gravura fixa um aspecto do baile á fantasia offerecido pela senhorita Maria Helena Teixeira Martins, filha do sr. Daniel Martins, alto funccionario do Ministerio da Fazenda, ás suas amiguinhas, no carnaval que se foi. Foi uma festa encantadora essa, em que as foliãs se divertiram a valer.

*Vem aplacar a sua inquietação*
*[descompassada.*
*Ellas gritam pelo repouso macio da*
*[tua ternura.*
*Evita o gesto doido que as vae*
*[fazer parar...*

Como se vê, Leão de Vasconcellos é, decididamente, hoje, um artista conscio da sua Arte, exprimindo os seus motivos estheticos por um processo integralmente autonomo, e que reflecte e dynamiza o seu subjectivismo, através de imagens imprevistas, cheias dum colorido novo, duma vibração nova — simples, mas sem vulgaridade; dúctil e suave, sem lhe faltar precisão e força.

A sua poesia, além desse aspecto, apresenta um outro, não menos raro e interessante.

Ella não pinta, não descreve, com minucia, situações emocionaes, paizagens e episodios interiores.

Insinua-os apenas. A quem a lê, obriga a tornar-se, por sua vez, um escaphandrista de sentimentos, de estados de alma, submersos, não raro, na zona abyssal do Eu.

Senhorita Dagmar Castilho, filha do sr. Armando Soler de Castilho, e distincta alumna do Collegio Pedro II, onde acaba de concluir, brilhantemente, o terceiro anno gymnasial.

Não fatiga, portanto. Não impõe emoções.

Os versos que se seguem, comprovando, até certo ponto, essa verdade, que, entretanto, resalta do conjuncto desses ultimos poemas, são duma fina e enbriagadora belleza:

*Hoje, no meu jardim, as abelhas*
*[de ouro*
*Abandonaram os rosaes e cercaram*
*[a minha cabeça,*
*Num grande halo de ouro.*
*Teriam sentido o perfume de flor*
*Da lembrança do teu corpo no meu*
*[pensamento?*
*Ou, quem sabe se não viram a tua*
*[bocca a florir nos meus olhos?*
*E as abelhas voavam em torno da*
*[minha cabeça, voavam...*
*Sem que pudessem sugar o teu*
*[aroma imponderavel...*

Ahi está um artista que sabe suggerir coisas novas ao mundo interior de quem o lê.

Na cidade de Collatina, no Estado do Espirito Santo, decorreu brilhante o carnaval de 1963. O Club Recreativo Collatinense, que reúne a melhor sociedade local, offereceu vários bailes e promoveu um interessante concurso de fantasias, entre as damas presentes a essas festas carnavalescas. As duas primeiras photographias fixam aspectos dos salões do Recreativo. Em baixo, vê-se um dos carros allegoricos que figuraram no prestito infantil organizado pelo sr. Elyseu S. Nunes.

(Photographias enviadas pelo agente de FON-FON em Collatina, sr. Izidoro Da Ros Pottuzzo).

# FON-FON NO CINEMA

# Valentino

**(Night after Night)**

**Da Paramount**

com George Raft, Constance Cummings, Winne Gibson, Mae Weste e Alison Skipworth

Tinha um sorriso magoado.

AQUELLE predio, sob o numero 55, na parte oeste de Nova-York, fôra outrora uma residencia de luxo e de respeito. Hoje, quando leo admitte algum visitante, toma a precaução de espreitar por um postigo para reconhecêl-o primeiro. A regra não tem excepção nem mesmo para o caixeiro do florista que todas as manhãs vem trazer um ramo de gardenias frescas, a flôr predilecta de Joe Anton.

Gardenias — flôres que são uma expressão de pureza e de doçura, para Anton, que fôra outrora um *boxeur* de terceira ordem! Agora, porém, tudo mudou: Joe é o proprietario de um dos mais luxuosos *speakeasis* de Nova-York, onde se abastecem de *champagne* e de *whisky* as mais decorativas figuras da alta sociedade americana. Dorme em lençóes de sêda, veste camisas de vinte dollars, monogrammadas a ouro, e nunca apparece em publico sem uma gardenia na lapella do casaco.

O copo de agua dum adeus.

Joe está almoçando quando Iris apparece. A pequena talvez outróra o procurasse por ver nelle um veio de ouro que lhe seria facil explorar. Mas chegou a amál-o com o tempo, e agora tem o presentimento de que dentro em pouco vae perdêl-o.

O que ella, porém, não sabe, é que Joe tem a toda hora em seu espirito uma visão constante, — visão de uma senhora que todas as noites chega ao *speakeary* sozinha, e sozinha se senta a uma das mesas

Rivaes.

mais afastadas do movimento. Que é uma senhora, não ha duvida. Affavel, distincta de uma belleza fragil, senta-se tranquillamente á sua mesa, os olhos banhados de tristeza, e logo depois se retira tranquillamente, como veiu. E essa figura, tão differente de todas as demais, traz Joe Anton profundamente intrigado.

E' por causa della que elle agora se applica com soffreguidão implacavel ás lições de Miss Jellyman, uma professora que attingiu a idade madura sem gozar de outras alegrias sinão as de sua profissão. E Joe, ansioso de se fazer um *gentleman*, devora os ensinamentos da docente.

E' tambem por influencia da mysteriosa que Joe busca fugir ás assiduidades de Maudie, da bôa Maudie que, nos máus dias, foi tão desinteressada para com elle, que o amparou com a sua amizade quando elle era um João Ninguem. Mas Joe agora se arrepende de ter gasto o seu tempo com mulheres do typo de Iris e Maudie...

Nessa noite, como de costume, apparece no *cabaret* a mysteriosa visitante. Um embriagado que se aproxima da mesa que ella occupa offerece a Joe o pretexto para entabolar conversa. Mas, a breve trecho, a conversa é interrompida quando sobrevém o sr. Madden, famoso poloista, que em tempos pediu á visitante que o desposasse, e foi acceito com certas restricções...

Sob pretexto de precisar estar só, a dama mysteriosa despede o sr. Madden, e chama de nova para junto de si Joe Anton, a quem revela o surprehendente motivo das suas visitas alli. Aquella casa, conta ella, foi outróra a sua casa, e entre aquellas paredes dormem todas as recordações da sua meninice. Assim combinam os dois que no dia seguinte ella regressará para jantar com Anton e visitar a casa a que está ligado todo o seu passado.

Na manhã seguinte, elle annuncia á sra. Jullyman que ella tambem será conviva do jantar para encaminhar a conversação de tal sorte que a linda moça o tome por um perfeito *homme du monde*. E Miss Jullyman nada em alegria com a perspectiva dessa aventura.

Ao jantar desenrola-se a comedia com grande divertimento da visitante, que está percebendo tudo. Mas, de repente, apparece Maudie, que, toda ella, é espontaneidade da mais explosiva, e immediatamente a mysteriosa dama sympathiza com a pequena. Em breve são á mesa quatro pessôas, entre as quaes o *champagne* logo se estabelece uma camaradagem irreprimivel. Joe não gosta muito do caminho que as coisas levam, e está a ponto de chamar a dama para ver a casa, quando a visita de Frankie Guard, candidato a adquirir o *speakeasy*, o obriga a retirar-se um momento. Frankie offerece-lhe 200.000 dollars, o que Joe acceita, ficando para o dia seguinte a assignatura dos papeis. Quando volta á mesa, alli encontra Iris, cujas disposições parecem ameaçadoras. Effectivamente, quando, minutos depois, Joe e a sua apaixonada visitam a sala que actualmente

(Conclúe na pagina 51)

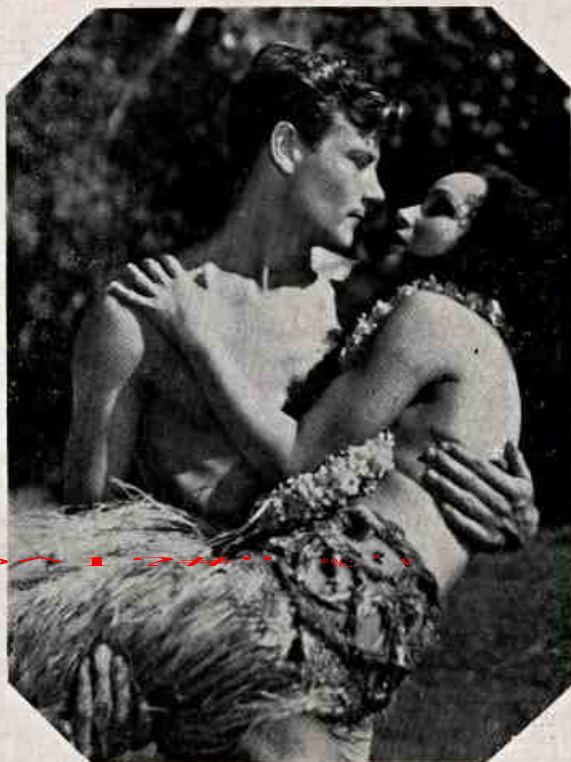
Paixão!

# AVE DO PARAISO

## (Bird of Paradise)

## FILM DA R. K. O. - RADIO

## com DOLORES DEL RIO, Joel Mc Crea e Creighton Chaney

O "yatch" pousára em aguas tão mansas, tão quietas, que nem pareciam marinhas, mas as de um verdadeiro lago, azul e encantado. Os seus tripulantes, que estavam avidos pelas emoções da pesca dos grandes peixes, voltavam-se maravilhados, para olhar o recorte fulgente da praia distante. O barco estava em face de uma das ilhas mais graciosas da Polinesia. Depois de breves instantes de contemplação, os rapazes do "yatch" trataram de realizar os preparativos necessarios para a pesca aos tubarões. Eram quasi todos jovens, robustos, amantes dos exercicios da força e das sensações do perigo. E já antegozavam o prazer da pesca accidentada. Concluidos todos os preparativos, debruçaram-se sobre o azul das aguas. Foi quando, proximo á embarcação, cruzou um monstro marinho. Era chegado o momento para o lançamento do harpão. Coube o acto ao joven Johny Baker, rapaz intrepido, typo de mocidade sportiva, e que amava tudo o que importasse em movimento, actividade muscular. Com vigoroso arremeço, elle atirou sobre a sombra do peixe o instrumento ponteagudo de pesca. E o golpe foi tão perfeito, tão magistral que a arma se enterrou profundamente no monstro do mar. Mas, quando todos já se congratulavam com o herõe da façanha, occorreu um accidente de brutalidade estarrecedora. A linha do harpão enrolára-se numa das pernas de Baker e elle se viu arrastado tambem para o fundo mysterioso das aguas. Cahindo no mar, o pobre moço submergiu immediatamente. Estava com uma perna immobilizada, presa á linha do harpão, e encontrava difficuldades supremas para subir á flôr das aguas. Além disso, havia o perigo de que um dos muitos tubarões o atacasse. Occorreu, entretanto, no meio do pasmo e do desespero geraes,

A filha das selvas apaixonára-se pelo homem branco.

Era um castigo horrivel.

Para a liberdade! Para o amôr!

um facto imprevisto. De um barco de nativos, que se aproximára, um vulto mergulhára, com um punhal entre os dentes. Ia, sem duvida, soccorrer o rapaz desapparecido.

Pouco depois, os olhos ansiosos que perscrutavam a aguas viram retornarem á tona Baker e o nativo. Este tinha ido ao fundo do mar e cortára a corda que arrastára o joven tripulante do "yatch". Passada a emoção do desastre, notou-se uma coisa surprehendente: é que o nativo salvador não era nativo e sim nativa. Fôra uma mulher — uma adolescente mulher — a autora do feito heroico. E que hawaiiana linda! Que pureza de perfil! Que graça e suavidade de fórmas! Baker sentiu uma attracção immediata, instinctiva, irresistivel, pela sua linda salvadora.

Na mesma noite do accidente, os viajantes do "yatch" são convidados para uma festa de nativos. A reunião acabou numa verdadeira orgia, sahindo as nativas com os convidados. Apenas uma ficou solitária e austéra. Foi Luana — a salvadora de Baker.

Era tabú e estava, portanto, vedada aos brancos. Só um principe da tribu poderia conseguil-a. Mas Baker ignora os costumes do logar e approxima-se de Luana, porque se sente apaixonado. Os nativos detêm, entretanto, o visitante branco e elle retira-se. Mais tarde, já no "yatch", fazia a evocação meiga de Luana, quando ouve um rumor brando nas aguas. Era Luana. Vibrante de alegria e de paixão, atira-se no mar. E, em plena solidão marinha, elles se entregam a um lindo e, por certo, original idyllio. Depois, já fatigados, vão para a terra, onde Baker leva, aos labios da perturbadora, a doçura de beijos supremos.

Na manhã seguinte, quando o "yatch" parte, branco e donairoso, não leva Johnny.

Elle estava em terra mergulhado na belleza e

Ella estava disposta a esquecer tudo.

na sensação de idyllios sem fim.

Luana progredia rapidamente no terreno passional. Já beijava com a vehemencia, a sabedoria da mais requintada filha da civilização. O perigo, entretanto, rondava subtilmente. E, certa vez, no justo momento em que os dois amados absorviam a doçura de um beijo lento e profundo, uma flecha mysteriosa crava-se no chão, ao lado do casal ardente. Era um aviso... Pouco depois, nativos irrompem em scena e Johnny é preso e amarrado a uma arvore. Quanto a Luana, foi levada para destino desconhecido. Joven, athletico, Johnny faz esforços desesperados e logra libertar-se. Sáe, então, presa de mortal inquietação, em busca da bem amada.

Vae encontrál-a, pouco depois, em meio de uma espantosa cerimonia. Era a solennidade para o casamento de Luana com um principe da tribu. Aproveitando-se de um momento de confusão, Johnny une-se á sua adorada, fugindo ambos. Internam-se na floresta. Mas verifica-se ahi um terremoto. Um vulcão proximo despede lavas e ha em tudo espanto e terror. Luana dissera, certa vez, a Johnny, que um terremoto seria uma manifestação de descontentamento dos deuses para comsigo. Si occorresse o cataclysma e ella sobrevivesse, deveria ser lançada ao vulcão. Os nativos, entretanto, logo que passou a convulsão da terra, iniciaram a perseguição. Os dois namorados iam ser colhidos, quando surge o "yatch" que trouxéra Johnny. E elle e Luana conseguem abrigo na embarcação. Pouco depois, entretanto, surgem os nativos. Vêm implorar a restituição de Luana, pois só o sacrificio da tabú salvaria a tribu da colera dos deuses. Vendo que seria um empecilho para Johnny, em virtude da dessemelhança de raça e civilização, ella mostra o seu maior amôr na renuncia.

E acceita o destino medonho do sacrificio. Imprime um ultimo beijo aos labios adorados, antes de partir para a cratéra, a que seria atirada.

Com o sacrificio da linda e amorosa Luana, a sua tribu reconquistaria a indulgencia dos deuses... Por isso mesmo, ella não poderia sobreviver...

Precisava livrar da morte o bem amado.

VAE APRESENTAR

— o film mais caro do mundo — o mais bello — o mais luxuoso — com a mais linda musica

com

LILIAN HARVEY

* * *

HENRY GARAT

e

LIL DAGOVER

# O CONGRESSO SE DIVERTE

DISTRIBUIDO PELO

*Segunda-feira,* 27

no ODEON

# Escriptores e livros

**L. Trotsky — REVOLUÇÃO E CONTRA-REVOLUÇÃO NA ALLEMANHA — Editora Unitas — S. Paulo — 7$**

OS editores confiaram a Mario Pedrosa a tarefa de explicar, num prefacio, as razões deste livro. Os trabalhos diversos de Trotsky, publicados em varios idiomas na imprensa, ora reunidos em volume, tratam do mesmo thema — o problema da revolução proletaria allemã, posto em ordem do dia com uma extraordinaria acuidade pelo irromper da crise de 1929.

Desde o primeiro artigo, que data justamente desse anno — *A chave da situação internacional está na Allemanha*, onde Trotsky colloca sob uma fórma mais geral o problema da luta contra o fascismo — até a ultima analyse da situação allemã, subordinada ao titulo — *O unico caminho*, a obra reflecte os pontos de divergencia táctica e estratégica entre os grupos em que se dividiram os adeptos do communismo. Para bem orientar os nossos leitores, acerca da finalidade da obra, transcrevemos o trecho seguinte, do prefacio: "O titulo dado torna, aliás, perfeitamente clara a unidade que prende esses escriptos. Tratasse, como diz Trotsky, não de salvar o capitalismo allemão, mas a Allemanha do seu capitalismo. Este é o thema central da obra. Os problemas do destino do povo allemão, especialmente do seu proletariado, são estudados nestas paginas com a precisão e a argucia que só o dextro manejo desse extraordinario instrumento de investigação sociologica que é o marxismo póde proporcionar. Ainda mais quando é manejado por mãos que não são apenas de um grande theorico, mas de um homem de acção, que já experimentou, nos laboratorios sociaes da Revolução, as suas idéas e a sua doutrina. O analysta e o revolucionario aqui se fundem, e é esta synthese que caracteriza o vredadeiro marxista. *Revolução e Contra-Revolução na Allemanha* repéte o titulo da obra de Engels (attribuida, aliás, a Marx) sobre a revolução allemã de 1848.

Ambas estudam as relações de classes da sociedade germanica em duas épocas decisivas de sua historia. O livro de Trotsky continúa o do mestre numa etapa mais alta do desenvolvimento historico. As premissas então levantadas pelo collaborador de Marx são confirmadas agora na obra do companheiro de Lenine, e têm ahi o seu desenvolvimento final. As previsões apenas esboçadas pelo primeiro são completadas pelo segundo. Sobre as perspectivas, que Engels traçou, já realizadas pela evolução historica, Trotsky constróe novas, que a marcha dos acontecimentos irá ou já vae pondo á prova.

Assim, na distancia de quasi um seculo, se patenteia a continuidade do methodo marxista e confirmando objectivamente as descobertas e as previsões geniaes dos fundadores do socialismo scientifico."





**Mark Twain — AS AVENTURAS DE TOM SAWYER — Civilização Brasileira Editora — Rio — 4$**

A interessante novella de Mark Twain, filmada pela *First National Pictures*, tendo como interprete Jackie Coogan, apparece na *Collecção do Livro-Film*, uma iniciativa victoriosa da grande editora carioca.

**Karl May — DE BAGDAD A STAMBUL — Liv. Globo — P. Alegre — 6$**

O famoso escriptor allemão que conseguiu monopolizar no seu paiz a attenção dos leitores do romance de aventuras tem o sexto volume incluido na denominada *Collecção Universo*. São cerca de 500 paginas movimentadas, de um colorido vivo.

**Raul Reynaldo Rigo — VOLUBILIDADE — Editor A. Coelho Branco F.º — Rio — 5$**

APRESENTANDO-SE aos *amaveis leitores*, escreve o autor: "Este livrinho devia ser intitulado *Contos Singelos*, mas, a pedido de alguem, foi baptizado com o nome de *Volubilidade e outros contos*. Nem por isso deixam os ditos contos de ser singelos.... A todos aquelles que tiverem a paciencia de lêl-os, o autor agradece muito".

Vamos confessar, de começo, que implicamos solennemente com o systema de apresentação usado. Os autores excusam-se de agradecer isto ou aquillo, porque, quando o livro não presta, nem os criticos têm a paciencia de digerir a droga até o fim. Assim tambem, nada tem o alheio de se metter na troca do nome das coisas.

Si o livro tinha sido baptizado com o nome de *Contos Singelos*, estava o caso perfeitamente resolvido. Os trabalhos reunidos neste volume são na realidade bastantes singelos, especie de agua corrente que deslisa de manso, sem nenhum tropeço, até mesmo sem provocar nenhuma emoção.

São contos descriptivos, que se perdem pela abundancia de detalhes, sendo de notar que o autor não é um *escriptor*, apesar de conhecer perfeitamente o nosso idioma.

**Frank Vreeland — DESHONRADA — Civilização Brasileira Editora — Rio — 4$**

E' a historia de uma espiã que se revelou pela sua astucia desmedida, durante a Grande Guerra. São paginas intensamente dramaticas, apparecendo ao vivo a carreira notavel de Magda Altdorf, pianista de profissão, joven, bella, intelligente, conhecida por "X-27" entre os officiaes do Serviço Secreto.

No desenvolvimento do *film* do romance, a Paramount escolheu a attrahente Marlene Dietrich, que o publico brasileiro applaudiu na téla. Eis o trabalho que figura entre os volumes da *Collecção do Livro-Film*.

**Edgar Wallace — O ENIGMA DA CHAVE DE PRATA — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 5$**

O famoso novellista inglez forneceu mais um volume para a collecção *Para Todos*, obra que no genero não tem competidor.

**F. J. Oliveira Vianna — POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRASIL — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 10$**

A terceira edição deste livro evidencia o seu valor. Quando em 1918 o illustre sociologo lançou o livro á publicidade, escreveu um solido prefacio explicando o plano da obra, na qual procura a caracterização social do nosso povo, tão aproximada da realidade quanto possivel, de modo a resaltar quanto somos distinctos dos outros povos, principalmente dos grandes povos europeus, pela historia, pela estructura, pela formação particular e original.

O autor considerou o trabalho penoso, dada a extrema insufficiencia dos elementos informativos, porém, animado do melhor proposito, não recuou. Feriu de começo uma grande verdade: "Nós somos um dos povos que menos se estudam a si mesmos: quasi tudo ignoramos em relação á nossa terra, á nossa raça, ás nossas regiões, ás nossas tradições, á nossa vida, emfim, como aggregado humano independente."

Por isso, todo esforço no sentido de estudar aquillo que nos interessa como aggregado humano, nesta vastissima superficie de oito milhões de kilometros quadrados, deve merecer o nosso applauso. Neste ensaio, o sr. Oliveira Vianna estuda as populações meridionaes, promettendo um outro sobre as populações septentrionaes. E' evidente que não podemos entrar na analyse da obra, quando a nossa funcção se limita quasi a um simples registro.

Póde-se discordar de algumas conclusões do autor, mas temos que admirar a sua capacidade de trabalho e honestidade dos seus estudos. E' pena que o autor não quizesse ultrapassar o fim do periodo imperial, trazendo as suas investigações até a época presente...

**Baroneza Orczy — O FAVORITO DE SUA MAGESTADE — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 5$**

A collecção *Para Todos* tem mais um volume da conhecida escriptora, sobejamente apreciada pela qualidade e extensão da sua obra divulgada em varios idiomas.

**Roulien — A VERDADEIRA HOLLYWOOD — Freitas Bastos & C.ª — Rio — 6$**

ROULIEN, nosso *astro* da téla, ao visitar o Brasil, recentemente, teve as honras de ser recebido festivamente pelo povo. Na Avenida, passou entre fanfarras, coberto de flôres, sob as palmas da multidão em delirio. Recepção de um *heróe* authentico.

Firmou-se-lhe, naturalmente, a convicção de que tinha aberto a porta para outras conquistas, e lembrou-se de publicar um livro. Appareceu o editor, exigindo, porém, a entrega dos originaes dentro do prazo de oito dias. Isto era coisa de pouca importancia...

Alguns capitulos já estavam escriptos, pois elle os havia trazido de Hollywood. Os outros, podia creál-os com as notas do seu caderno de reporter amador. Na impossibilidade material de realizar a obra sozinho, recorreu ao auxilio de Henrique Pongetti, o festejado autor de *Camera lenta*. Então sentaram-se á secretaria, e bateram ambos um *record* de velocidade literaria. A explicação do autor justifica, em parte, o successo do livro.



Pongetti é um artista das letras, e prestou a Roulien inestimavel concurso. Mesmo assim, o livro traz alguns capitulos que constituem verdadeiros *bluffs*.

Mas, Roulien tem uma face do seu temperamento muito sympathica: elle deseja glorias pessoaes consideraveis para poder gritar a sua nacionalidade e desviar para o nome do Brasil todos os applausos que lhe forem dirigidos. Assim, não ha como se lhe negar applauso pela publicação deste livro, de feição leve, com toques pronunciados de reportagem sensacional, *made-yankee*.

**Mark Twain — OUTRAS AVENTURAS DE TOM SAWYER — Civilização Brasileira Editora — Rio — 4$**

TRATA-SE do seguimento da novella anteriormente publicada, e que na téla foi apresentada por Jackie Coogan, da Paramount Pictures. Incluido na *Collecção do Livro-Film*, o volume traz varias illustrações com as scenas da fita que o nosso publico já conhece.

# M A R G Ô T

NÃO pude esquecêl-a ainda... Ha em tudo uma saudade cheia de encantos e ternuras persuasivas que me dão a certeza de que um dia me reconciliarei com a vida, encurtando a distancia que se interpoz entre mim e o mundo!...

Conheci-a num baile. Alma bohemia, brincava com todos, a todos captivava sem se deixar prender por uma só impressão. Na vertigem dos bailados, sacudia a cabecinha loira, espalhando pela sala um punhado de reticencias e interrogações. Era uma mariposa roçando as azas em centenas de lampadas... Mariposa acostumada á luz... Dessas maripozas que sabem escolher as lampadas mais fracas, para se queimarem de leve.

Margôt era assim. *Flirtámos* nesse baile, e, numa revelação toda cheia de imprevistos, de alma a alma, falámos do nosso passado, das nossas victorias e dos nossos fracassos no amor. Ella falava com a eloquencia dolorosa de quem teve uma grande angustia, uma enorme decepção na vida, e procurava, por isso, divertir-se muito, enganar no sorriso, mentir no olhar, para fugir á dor que a martyrizava... e affirmava ainda:

—Assim se afoga uma paixão, se esquece um passado...

Ao que atalhei:

— Ou se perde uma esperança!

— Esperança?! Perdi-as todas, todas, como uma flor murchada ao sol de muitos céos! Nas minhas quinze primaveras, senti, como todas as moças, o desabrochar de minhas primeiras illusões... Mas, não sei por que, levantei, talvez, demais os olhos para o alto, e as nuvens da desdita toldaram os esplendores lindos de minha mocidade idealista... O cyclone passou, impiedoso e mau, devastando o roseiral em flor das minhas esperanças! Vês? Tenho pena de ti, porque notei que tens um coração demasiado fraco para os primeiros embates... Não quero que aconteça comtigo o que já aconteceu com outros que se apaixonaram por mim. Eu não amo a ninguem... Não posso amar, porque não sinto o amor!...

Ecoavam os primeiros accordes de um tango, e ella se foi nos braços de alguem...

Coração de mulher! Quem o comprehenderá? Margôt tinha a voz de um anjo e a alma de Satan.

Alma cheia de fel, vive, assim captivando corações, embalando esperanças, illudindo e esquecendo...

CARLOS G. PINHEIRO



# O QUE SE

## A INFLUENCIA DAS TEMPERATURAS BAIXAS SOBRE A MATERIA VIVA

No laboratorio criogenico de Leyde, na Hollanda, teem-se conseguido, nestes ultimos annos, temperaturas baixissimas, até quasi o zero absoluto. Isto despertou o desejo de se conhecer que influencia poderão exercer taes temperaturas sobre a materia viva.

Já em 1929 Zirpolo emprehendera esta ordem de estudos, submettendo bacterias photogenicas á temperatura do oxygenio liquido (—182° C) e do ar liquido (—192° C) e poude observar que, emquanto estavam sujeitos a este frio, a luz das bacterias diminuia a principio para logo extinguir-se. Reapparecia, porem, logo que eram retiradas do ambiente frio.

Em 1931, o referido scientista repetiu as experiencias no laboratorio criogenico de Leyde, dirigido pelo professor Keeson, desta vez, porem, submettendo as photo-bacterias á acção do helioliquido 269° C.

Foram escolhidos esses organismos porque dão signaes de sua

# Onde nasceu Castro Alves?

(Collaboração especial do "Big" Rio de Janeiro, para "Fon-Fon".

ESTA' ahi uma pergunta interessante e que, certamente, deixará muita jente boquiaberta.

Será possivel um homem de letras desconhecer o torrão natal desse poeta? Será esta uma interrogação bem necessaria.

Apesar de muita gente haver escripto sobre a vida de Castro Alves, a terra do seu nascimento continúa sendo um problema a resolver.

E digo assim, porque estive, de perto, verificando a questão.

Sabe-se que Castro Alves é bahiano e que, numa praça publica da "Terra da Mulata", o vate está vivificado numa estatua.

Mas, entre tres cidades, reina a disputa de cada qual querer possuir a primasia de haver sido o berço do cantor que emmudeceu.

São ellas Cachoeira, Muritiba e Castro Alves, outrora Curralinho.

Visitando as tres cidades, em cada uma ouvi ponderações a respeito, sem haver conformações das partes, nesse ponto, melindradas.

Dizem os cachoeiranos que, na occasião do nascimento de Castro Alves, os têrmos pertenciam á Cachoeira, prevalecendo sobre as demais. Em Muritiba, se diz que a fazenda onde veiu ao mundo o disputado, era dalí, e, por isso, com sobeja razão, foi erguido um busto á memoria do poeta numa bonita praça daquella terra.

E em Castro Alves?

Tambem se affirma que o lugar do nascimento do aêdo pertencia áquella terra, onde Castro Alves permaneceu muito tempo residindo num sotão que tive a opportunidade de ver e no qual ainda existem, pelas paredes, versos escriptos a lapis. Alí passou parte da sua vida embalando-se numa rêde sob arvore copada que ficava defronte e que a elle muito serviu de inspiração e é alí que ainda vive uma das noivas do poeta que naturalmente lê com saudades as as producções daquelle que se foi e que permanece na alma de todos os que cultuam o Bello.

Essa disputa permanece, e as tres cidades, em conjuncto, continuam sendo berço de Castro Alves, pelo menos na vontade da maioria dos filhos dessa Trindade que quér ter a honra e o orgulho de ter visto nascer um dos grandes vultos da poesia nacional.

PEREIRA DE ASSUMPÇÃO

## DEVE SABER

vitalidade pela luz que emittem, sendo, portanto, optima materia viva para essa classe de experiencias.

Estas experiencias realizaram-se em Março e abril, com a presença do Professor Crommelin.

As bactérias estiveram varias horas sob a influencia de baixissimas temperaturas, até dez: primeiro, do hydrogenio liquido de—253°C, depois do helio liquido de —269°C a—271°25C.

Com geral admiração, resistiram as bacterias á semelhantes temperaturas, tão aproximadas do zero absoluto.

As Photo-bacterias, sob a a acção do frio, perdiam a luz; postas, porem, de novo nas temperaturas ordinarias, readquiriram-na e recolhidas em meios apropriados desenvolveram-se sempre iradiando vivissima luz.

Tambem ficou comprovado que estas mesmas bacterias, na temperatura de 60°C, perdem a luz e morrem.

Desta experiencia poderia deduzir-se a possibilidade de que existam bactérias no ether cosmico, apesar do frio destas regiões...

# NOTAS DE ARTE

A POETICA DE AUGUSTO COMTE. — Dando á palavra *poetica* a maxima generalidade, podemos definil-a — a *technica de todas as artes*, desde que se considere o termo *arte* como synonimo de *poesia*. No seu sentido restricto é propriamente a *technica da arte verbal em prosa ou verso*; é a technica literaria. Nesse sentido a Poetica abrange as duas disciplinas classicas, a Grammatica e a Rhetorica. Como as linguas são obras de arte, tanto a linguagem ordinaria como a linguagem esthetica, quer seja esta prosa ou verso, discurso falado ou escripto, estão todas sujeitas ás regras da Poetica. Por isso chamamos *poetica de Aug. Comte* as normas que elle estabeleceu para a composição dos volumes poeticos e dos tomos philosophicos, a que nos referimos em a nossa ultima nota de arte: *Aug. Comte e a technica litteraria*.

Como exemplos da applicação dessas normas, para que se tornem bem comprehendidas, vamos citar uma synopse parcial do 1.º, e unico tomo da *Synthese Subjectiva*, justamente o tratado philosophico em que o Pensador Universal applicou a nova technica litteraria; e um fragmento do poemeto elegiaco de um dos seus mais estudiosos e dedicados discipulos brasileiros, através da propaganda de Miguel Lemos e Teixeira Mendes, o dr. Sylvio Vieira Souto, poemeto intitulado *A transformação de Francisco Bayardo*, que o poeta escreveu em homenagem a uma das grandes esperanças da arte brasileira, a quem a morte levou prematuramente, aos 21 annos de idade.

Exemplo da composição philosophica.

SYNTHESE SUBJECTIVA: INTRODUCÇÃO — 7 CAPITULOS — CONCLUSÃO.

CAPITULO I:

1.ª *Parte* — 2.ª *Parte* — 3.ª *Parte*

1.ª *Parte*: 7 Secções: 1.ª Alfredo, 2.ª Bonheur, 3.ª Compter, 4.ª Destino, 5.ª Fortuna, 6.ª Glorias, 7.ª Hispano. (Cada secção principia por uma das letras da série alphabetica: A, B, C, D, F, G, H.)

1.ª *Secção* (Alfredo): 7 Grupos de phrases (Cada grupo começa por uma palavra cuja inicial é successivamente cada uma das letras de *Alfredo*: 1.º gr. *Avant*..., 2.º gr. *L'ensemble*..., 3.º gr. *Fondée*..., 4.º gr. *Reconstruire*..., 5.º gr. *E'tudiée*... 6.º gr. *Dans*..., 7.º gr. *On*...)

1.º *Grupo*: 5 phrases (Adore); 2.º Grupo: 5 phrases (Libro); 3.º Grupo: 5 phrases (Folie); 4.º Grupo: 7 phrases (Ragione); 5.º Grupo: 7 phrases (Escla-vo); 6.º Grupo: 5 phrases (Dulce); 7.º Grupo: 7 phrases (Ordinal). (As iniciaes das phrases de cada grupo formam respectivamente as palavras *adore, libro, folie, ragione, esclavo, dulce, ordinal*).

1.º *Grupo*: 5 *phrases* (*Adore*): "(1). *Avant* que le langage soit assez complet pour manifester et seconder l'essor spéculatif, les conceptions numériques forment le début nécessaire de l'évolution abstraite, tant individuelle que collective. (2). *Dans* sa maturité, l'esprit humain systématise et développe ce point de départ spontané, qui fut de plus en plus méconnu pendant tout le reste de l'initiation théorique. (3). *On ne* peut le bien apprécier qu'en déterminant la nature et la destination de la Logique avec plus de précision que n'en comportait l'introduction que je viens d'achever. (4). *Sa portée* à la definition systématique que que j'ai d'abord posée, la composition ci-dessus assignée à la science fondamentale ne semble pas suffisamment motivée. (5). *Elle* ne peut être assez justifiée que d'aprés un examen plus direct et plus spécial de la première phase de l'éducation encyclopédique."

Por esse summario exemplo, vê-se que em relação aos capitulos de cada tomo, ás partes de cada capitulo, ás secções de cada parte e aos grupos de cada secção adopta Aug. Comte a composição accrostica dos grupos e das secções, os numeros fixos de 3, 5, e 7 phrases para cada grupo, o numero fixo de 7 grupos para cada secção, de 7 secções para cada parte, de 3 partes para cada capitulo, de 7 capitulos para cada tomo, e as 7 primeiras letras do alphabeto, excluido o E, para a coordenação das secções. O que

Garantidamente neutro, é benefico á mais delicada pelle.

hoje á noite com LAVOLHO. E note a frescura e brilho delles —acabe com esses OLHOS envelhecidos e cançados do esforço. OLHOS vermelhos, cançados e sem vida desapparecem. A esclerostica torna-se pura, as palpebras firmes e as pupilas brilhantes. O Antiseptico Lavolho rejuvenece os OLHOS.

# CAIXA DE

UM CASO DE AMNESIA — O coronel Robins era um dos mais eminentes leaders prohibicionistas da União, e amigo do presidente Hoover. Ahi pelo dia 5 de setembro do anno proximo passado decidiu-se a ir visitar seu amigo, na Casa Branca, segundo contam seus familiares. E, desde esse dia, até o em que foi encontrado, não se soube mais qualquer noticia delle.

Na localidade de Whittier, na Carolina do Norte, foi ter o coronel. E foi ahi que lhe occorreu o interessante caso de amnesia em consequencia do qual perdeu inteiramente a lembrança da sua vida passada. Nessa localidade, sob o nome de Reynolds Rogers ficou a viver, dedicando a exploração de depositos mineraes, activando em sua vida diaria não como o coronel Robins e sim como engenheiro de minas.

"Reynolds Rogers", fez-se popular no povoado, cujos habitantes habituaram-se a estimál-o pelo seu trato sempre fino e amavel. Emquanto isso,

tudo está de accôrdo com as regras anteriormente estabelecidas. (a).

Agora o exemplo de composição poetica:

A TRANSFORMAÇÃO
DE FRANCISCO BAYARDO

*(Elegia)*

1

Ah! choremos! Que dôr!... de [luto o *Templo!*
— Vinde, gentis Irmãs, chorosas [*vinde,*
Afflicto vos *contemplo...*
Que o sereno ambiente, mesmo as-[sim, se *alinde,*
Dêem-nos as vossas mãos o doce [*exemplo,*
Trazendo flôres ao funereo *brinde:*
Vinde, gentis Irmãs, chorosas [*vinde!...*

2

Que nos echos do Tempo não se [*finde*
O saudoso lamento, esse *tributo*
De que Amôr não *prescinde!*
Chorae commigo esse imprevisto [*luto:*
Vinde, gentis Irmãs, chorosas [*vinde,*
Que o carpideiro côro, agora, es-[*cuto*
Com pranto ardido sobre o rosto [*enxuto.*

3

Vossos gemidos mil, eu *repercuto*
Como a caverna o soluçar das *vagas*
Em seu final *reducto.*
Na minha, estridem vossas fundas [*chagas,*
Pois que a nossa esperança era [*producto*
De anhelos tantos, de certezas [*magas,*
De nobres scismas, de visões pre-[*sagas.*

4

— E Tu, sombra florente, errante [*vagas*
Neste espaço sagrado, e, como [*outr'ora,*
Nossa saudade *affagas.*
Tens, como tinhas, um fulgor de [*aurora:*
E, qual seu doce lume, inda *pro-*[*pagas*
Aquelle encanto juvenil que mora
Onde a Virtude a despontar se [*enflora.*

5

Vinde, gentis Irmãs... cercae-O, [*agora*
E lyrios, muitos lyrios, ás *man-*[*cheias,*
Dae-Lhe, gemendo, *embora!...*
Tal um côro de nimphas e *sereias,*
Filhas da nova Deusa, a humana [*Flora,*
Cercae-Lhe o vulto ethereo, entre [*essas teias*
De acantho e rosas, e, no altar, [*prendei-as.*

6

Mais luz!... e que esas fulgidas [*candeias*
Dêem-Lhe do Fogo as homenagens [*puras*
Que em lagrimas *prestei-as.*
As liras afinae!... e das *alturas,*
Como volante enxame das *col-*[*meias,*
Desçam plangentes sons, votos e [*juras,*
A suavizar nossas fataes *agruras.*

7

Sobre as aras olhai — essas *pin-*[*turas*
São de'Elle, desse engenho ora [*frustrado,*
São d'Elle as *esculpturas...*
O cego e triste mas bondoso *Fado,*
No-l'O deixou vivente nas *feituras*
D'arte divina que Lhe ha *trans-formado*
O ser que morre, em ser *eter-*[*nizado.*

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

O fragmento que acabamos de reproduzir do poemeto elegiaco de Sylvio Vieira Souto contem 7 estancias de 7 versos, em que o primeiro verso de cada estancia rima com o ultimo de precedente, realizando, segundo a *Poetica* de Aug. Comte, a combinação "da unidade da oitava com a continuidade do terceto pelo cruzamento das rimas e o encadeamento das estrophes", de que o proprio Philosopho deixou modelo neste "specimen da successão das rimas no conjuncto de tres estancias": *Justice — charité — propice — fierté — novice — vérité — clarté. — Bonté — courage — beauté — volage — pureté — servage — hommage. — Partage — douleur — mage — bonheur — visage — paleur — vainqueur. — Valeur — sagesse — etc.*

Embora incompletos, não deixam comtudo esses exemplos de esclarecer bastante o leitor interessado, sobre as regras de composição literaria, formuladas por Aug. Comte na sua maravilhosa *Synthese Subjectiva.*

OSCAR D'ALVA

(a) Em carta a seu discipulo Alfredo Sabatier, declara Aug. Comte acceitar-lhe a emenda, segundo a qual a composição acrostica não se deve limitar só aos grupos e ás secções, mas estender-se tambem ás partes de cada capitulo.

# SURPREZAS

Sua familia, afflicta, appellava para todos os recursos afim de encontrál-o. Fizeram-se annuncios, a policia investigou, offertou-se, mesmo, premio em dinheiro a quem delle désse noticia. Seu retrato foi publicado em varios jornaes. E, nada...

Por fim, muitas pessoas já tinham chegado á convição de que elle morrera.

Depois de tanto trabalho, quando já se havia quasi totalmente desvanecida a esperança de ser encontrado, eis que um garoto de 12 annos, residente em Whittier, notando certa semelhança entre o retrato fartamente divulgado, do coronel Robins e Reynolds Rogers, escreveu uma carta a um agente de Chicago, Salmon O. Levinson, que avisou ás demais autoridades e á familia do desapparecido.

"Reynolds Rogers" foi logo encontrado e facilmente identificado por um sobrinho, apesar da barba que deixara crescer. Levado para Nova-York ahi foi submettido a serio tratamento medico vindo a recuperar a memoria perdida.

# GEOMETRIA APPLICADA

— A vida é uma circumferencia, tendo em vista que vimos ao mundo, vivemos, tornando, ao fim, ao ponto de origem.

— O casamento é uma "corda", feito de arminho.

— O divorcio é a flecha, que parte ao meio a corda.

— Os arcos, porções da circumferencia, são as idades, partes da vida; as mulheres, quando chegam a uma certa idade, fazem tudo por diminuir o tamanho dos arcos: pintam os cabellos, servem-se de mil artificios ridiculos, fazem, emfim, como é costume dizer-se, "coisas do arco da velha".

— A secante é o infortunio; fére a circumferencia em dois pontos: por isso é que se diz que uma desgraça nunca vem só!

— A tangente é a esperança.

— O ponto de contacto da tangente com a circumferencia é a fé.

— O centro do circulo é o amor, em torno do qual gira a vida.

— Para o amor todas as distancias são iguaes: o raio é a saudade.

— O diametro é a desillusão: é a saudade de outra saudade!

— Duas circumferencias concentricas tambem symbolizam o amor: é uma vida dentro de outra vida!

— O diametro divide a circumferencia em duas partes iguaes; a desillusão dá a uma vida dois aspectos diversos: um em que a alma, orgulhosa, sorri aos olhos do mundo; outro em que, no recolhimento, chora o bem que feneceu.

— Duas circumferencias secantes ferem-se reciprocamente; lembram o casal que se estima; os pontos de contacto representam o ciume.

— Duas circumferencias tangentes exteriormente lembram os casaes incompatibilizados: o ponto de contacto é o preconceito social.

João Ramos

## A "ERMIDA DO REI SOL"

A secretaria de Bellas Artes de França acaba de classificar o que resta da "ermida do Rei Sol", isto é: o parque de Marly. A noticia merece ser registrada em nome dos artistas do mundo.

Luiz XIV, de accordo com o que disse Saint-Simon, "esforçou-se, toda a vida, em tyrannizar a Natureza, procurando domál-a á custa de arte e de dinheiro". Não ha, assim, motivo para que se lhe guarde rancor. Pelo contrario, tanto foi o bem que, nesse terreno, produziu a tyrannia do rei do bom gosto francez, que interpretou, como nenhum outro, a graça italiana, creadora de belleza e inventora dos jardins.

A' mania tyrannica de Luiz XIV deve a posteridade nada menos que a maravilha de Versalhes, retomada não faz muito tempo e salva da mina, pode-se dizer pela generosidade de um... cidadão norte-americano.

O sumptuoso palacio de Versalhes, seus parques, seus bosques, não existiriam se Luiz XIV não tivesse sido *tyranno*. Os jogos de agua famosos e as esculpturas que ahi existem — só isso seria bastante para recommendar o senso de belleza do exquesito monarcha.

"Devemos lamentar disse um escriptor francez — é que outras provas de tyrannia do Grande Rei hajam desapparecido no turbilhão revolucionario e que não reste hoje pedra sobre pedra especialmente desse maravilhoso dominio de Marly."

O que Luiz XIV quiz edificar em Marly foi uma especie de retiro, de eremiterio, um recanto, onde, de vez em vez, acompanhado de oito ou dez cortezãos se refugiasse, para repousar, por dois ou tres dias, fugindo, assim, á vida de pompas de Versalhes.

Mas, o soberano não sabia conter-se com pouco e, por força das circumstancias e dos acontecimentos a pequena "ermida" foi se alargando e acabou transformada em palacio.

Eis o que diz Saint-Simon: "De ampliação em ampliação aplainaram-se collinas para construir. Em edificios, em aguas, em ajardins, em aqueductos, em bosques, em estatuas, em moveis, em lagos de cysnes e de gondolas, Marly tudo teve. Chegou a competir com Versalhes — numa competição admiravel do simples contra o sumptuoso."

Em 31 de março de 1799, o dominio de Marly, já devastado pelas turbas revolucionarias, foi vendido a um tal Sagniel pela irrisoria somma de 412.361 libras.

De modo que o maravilhoso palacio de Marly, em cuja creação se gastaram milhões e milhões, foi aniquilado, devastado.

Os povos são, ás vezes, como as creanças ricas: comprazem-se em destruir brinquedos preciosos.

## V A L E N T I N O

### (CONCLUSÃO)

serve de alcova ao proprietario, Iris os enfrenta de revolver em punho, mas Joe, por uma das suas artes, a desarma, entregando-a logo a Leo para que elle a ponha com o dono. A visitante, impressionada com a calma energia do rapaz, dá-lhe por premio um beijo.

Esse episodio põe Joe em tal nervosismo, que no dia seguinte vae elle proprio ao aposento da linda dama, onde, estarrecido de surpreza, ouve dos seus proprios labios a noticia de que ella se vae casar com Madden por dinheiro. E Joe, esquecido de todos os ensinamentos de Miss Jollyman, diz claramente á formosa dama a opinião que agora faz della...

De volta ao *speakeasy*, Joe diz a Frankie que mudou de tenções, mas Frankie acolhe mal essa noticia, ameaçando vingar-se. E Joe convida-o a tomar o desforço que quizer.

Leo apparece e dá a Joe uma noticia que o surprehende: a dama do mysterio veiu visitál-o e traz cara de poucos amigos, informa o fiel criado. Joe vae effectivamente achál-a no seu quarto praticando actos de destruição que não dizem bem com uma senhora. Louças, pratos, crystaes, tudo succumbe ás mãos da linda creatura, animada de uma furia vandálica. Joe assiste impassivel a tudo, e tem, em face do occorrido, a unica reacção que compete a um homem que conhece, como elle, o abecedario feminino desde o "a" até o "z". Agarra a pulso a vandala, e beija-a tresloucadamente.

De baixo chega o pipocar das metralhadoras com que Frankie, em represalia, destróe a propriedade de Joe. E este, interrompendo um momento a sua furia amorosa, dá instrucções a Leo:

— Diz a Frankie que páre. Elle está apenas destruindo o que é seu!

Porque, senhor agora absoluto do amôr da dama mysteriosa, Joe de nada quer saber.

# O DENTISTA FALSARIO

## (SHERLOCK HOLMES — POR CONAN DOYLE)

*(Continuação do numero anterior)*

— Chumbou, ou arrancou? perguntou o policia sorrindo.

— Nem uma, nem outra coisa. O homem não estava em casa!

— Esse tal dentista, desamparando a casa de dia, não deve fazer grande negocio.

— Informei-me, e, realmente, a freguezia não é muita, mas em compensação é boa toda de mulheres da alta roda.

— Sim senhor! viva o luxo! Um especialista de queixos femininos. Extranha coisa!

Que tempo se demorou ella em casa do dentista? perguntou Holmes.

— Pouco. Bateu duas vezes, gatafunhou algumas palavras num cartão de visita, e metteu-o na caixa do doutor.

— E o cartão?

— Aqui está elle!

E Harry Taxon deu o bilhete ao policia.

— Foi ella partir, continuou o rapaz dos jornaes, e eu correr á caixa — pregada cá em baixo, no pateo sabe? Abri-a com a chave falsa, e tirei o bilhete.

— Fizeste grossa tolice, reprehendeu Holmes. Devias tomar nota do que elle dizia, e tornar a pôl-o onde estava.

A gente que perseguimos não deve desconfiar, por modo nenhum, que é perseguida.

Afinal vejamos o bilhete.

Cinco palavras, por junto!

"Amanhã — exactamente mil libras — promettido!"

E o nome, do outro lado.

Que imprudencia! Dá o seu verdadeiro nome ao dentista. "Miss Edith Brocks!"

Harry, vaes metter este bilhete na caixa do dentista, e conversaremos, á tarde, ao jantar.

Harry Taxon deixou o mestre, emquanto este, sempre disfarçado em Charles Knox, tomava o caminho de Victoria-Street.

Ia mergulhado em profundas reflexões. A familia Broks, acabava de tomar enormes proporções a seus olhos.

— Vejamos, dizia elle de si para si, o chefe desta familia, Edward Brocks, é um dos vinte e quatro directores do Banco de Inglaterra, o encarregado do dinheiro em ouro.

O filho é secretario do mesmo Banco.

A filha, Edith uma mulher lindissima, palavra de honra! tem relações com o doutor Harper, dentista-e acabo de certificar-me, essas relações são economicas, de interesse.

Miss Edith dá, ou deve dar dinheiro a esse dentista, mil libras! Quantos dentes chumbados representa isso! Para ser a conta de miss Edith, não é possivel porque demais a mais, ella tem uns dentes magnificos.

Deve haver portanto, um outro motivo.

Esta familia Brocks, realmente, não deixa de ser interessante! Já me não passará despercebida.

Fazendo taes considerações, chegou á casa. Quando entrou, veiu-lhe ao encontro Mrs. Bonnet, dizendo:

— Está ali uma dama que espera pelo senhor Holmes.

Não pude deixar de abrir-lhe as portas. Diz que lhe é multissimo preciso falar com o senhor, quanto antes.

Eu disse-lhe que não sabia se o senhor regressaria e ella respondeu-me:

— Se fôr necessario esperarei toda a noite.

Sherlock Holmes trocou logo a sobrecasaca achocolatado pelo seu robe de chambre, tirou o chinó grisalho, e com um guardanapo, desfez a caracterização que lhe cobrira o rosto. Depois poz o seu barrete de lã, accendeu o cachimbo, e entrou no escriptorio.

Mas parou á porta, muito surprehendido.

Viu, no meio do quarto uma mulher muito bem vestida e essa mulher não era outra sinão... Miss Edith Brocks.

### CAPITULO III

### MANHA DE MULHER

— E' ao senhor Holmes que tenho o prazer de falar? disse a dama, pegando cosvulsivamente nas mãos daquelle. Oh! ajude-me, soccorra-me, sinão estou perdida.

— Tenha a certeza, minha senhora, respondeu o policia soltando suavemente as mãos, que farei tudo quanto for possivel em seu proveito, comtanto que a sua causa seja justa.

— Primeiro é necessario que me jure guardar inviolavel segredo do que vou confiar-lhe...

— A isso me obriga o proprio officio. Posso affiançar-lhe que conheço os segredos de meia Londres, e que os reservo para mim.

— E' terrivel a confissão, que mal me atrevo a fazer-lhe. Trata-se da minha honra, que corre risco.

Ah! se meu pae soubesse que estou aqui: se soubesse principalmente para que vim aqui!...

— Se a senhora lh'o não disser, não saberá, a não ser que haja mais alguem mettido na confidencia.

— Não! não! ninguem sabe nada ainda. Vim ter com o senhor Holmes para pedir-lhe que estorve a realização de um crime, que se maquina na sombra, e que já tem sido a desgraça de mais algumas mulheres.

— Queira entrar no assumpto, e ponha de parte tudo que possa fazer-me duvidar da sua sinceridade absoluta. Quando eu vir claro no negocio, pensaremos no remedio a dar-lhe; antes de mais nada, quem é a senhora?

E Sherlock Holmes lançou um olhar interrogativo para a formosa creatura, que se conservava em pé defronte delle, com os olhos rasos d'agua.

Elle conhecia o nome, e não tinha necessidade de perguntar-lh'o. Mas, era a primeira prova.

— Chamo-me Edith Brooks, e sou filha de Mr. Edward Brooks, um dos directores do Banco de Inglaterra.

Não mentia...

— Em que posso ser-lhe util?

— Escute-me, senhor Holmes:

O verão passado, meu pae arrendou uma pequena casa em Springfield. Sabe onde é?

— E' uma povoação nas margens do Tamisa, a duas horas de Londres, respondeu o policia.

Linda, e muito apreciada pelas pessoas ricas de Londres.

— Essa mesma. Por isso meu pae desejava passar ahi a estação calmosa.

A casa era grande de mais para a familia, que se compõe de meu pae, meu irmão e de mim.

Mas meu pae e meu irmão não podiam vir todas as noites a Springfield, porque ha dias em que o trabalho do Banco dura até ás cinco horas da tarde. Nesses dias, ficava eu só com duas criadas, que estão na casa ha muito tempo.

Em Springfield travei conhecimento com um rapaz...

Neste ponto, senhor Sherlock Holmes é que a minha confissão se torna dolorosa. Tenho o coração cheio de vergonha e de arrependimento! Mas com o senhor, parece-me que estou na presença de um sacerdote de Deus...

— Diga antes um medico, miss, respondeu o policia. Isso vale mais porque nós somos ainda mais sinceros deante de um medico, que pode remediar-nos, do que de um confessor, que só pode absolver-nos.

— Sim, é um medico da alma, e é por isso que o senhor me não deixará sem cura. ...

Eu amava esse rapaz, e era tambem amada por elle... Jurou ser meu por toda a vida... e, então entreguei-me, de corpo e alma....

— Hum! não vejo crime nisso, respondeu Sherlock Holmes. Apenas um pouco de imprudencia... propria, ainda assim, na natureza feminina.

— A nossa união ameaçou-nos com resultados...

— Ah! o caso agora é mais grave.

Mas porque não confessa tudo a seu pae? Se o rapaz a quem ama, é digno da senhora, tenho a certeza de seu pae dará de bom grado o consentimento para se casarem!

— E' certo, respondeu ella, fazendo-se vermelha. Mas, o meu... amigo não pode aspirar á minha mão. Ha certos impedimentos... elle ama-me sempre: comneço... mas eu não posso ser sua esposa!

— O homem é casado, pensou Sherlock Holmes. Mas teve o cuidado de não communicar a Edith esta sua reflexão.

— E como é que esconde essas consequencias? perguntou elle em voz alta.

Sherlock Holmes não quiz olhar para a rapariga. Adivinhou que ella não tinha dito a verdade.

— E' esse justamente o crime que eu commetti, senhor Holmes, e que, agora, me cáe tão pesadamente sobre a cabeça, balbuciou ella com voz que mal arrancava da garganta, emquanto que lagrimas amargas lhe corriam pelas faces abaixo.

Quando lhe participei o meu estado, elle levou-me a Londres com pretexto de umas compras que só eu podia fazer.

Tinha-me dado o endereço de um dentista..

— Cá está! disse Sherlock Holmes com os seus botões. Será contra Dan Harper que ella deseja a minha protecção?

— Um tal dentista chamado Dan Harper, continuou ella.

Mora em Cavendish-square. Creio desnecessario, senhor Holmes, indicar-lhe a especialidade deste homem...

Na sua clientella só ha raparigas... Oh! meu Deus! Não posso proseguir no assumpto! O senhor bem comprehende! A vergonha não me deixa falar.

Edith tapou a cara com as mãos, e o policia que a não perdia de vista julgou que ella realmente, não podia continuar; que não representava uma comedia, e que a sua commoção era verdadeira.

(*Cont. na pag. seguinte*)

— Comprehendo perfeitamente, miss Edith.
E, quando deixou o Dan Harper, poude ficar socegada?
Ella não respondeu nada, persistindo com a cabeça inclinada para o peito, e vertendo das pipebras vermelhas, lagrimas como punhos.
Sherlock deu-lhe tempo para restabelecer-se, e attestou o seu cachimbo.
Para pol-o a vontade, accrescentou:
— Desejo que o fumo do tabaco a não incommode, miss Edith. Contrahi de tal sorte este mau habito, que não posso ouvir nada com geito sem ser de cachimbo na bocca. Queira continuar, que eu escuto.
— E' desde esse momento que data a minha desgraça, proseguiu Edith. Nesse dia entremetteu-se o demonio na minha vida. Actua sobre mim, nas trevas. Ha de obrigar-me a... não sei o que...
— Percebo. Harper explora o segredo. Ameaça-a, numa palavra, apanha-lhe dinheiro, aleivosa e deshonestamente!
— Sim, tal qual! E' o mais ignobil criminoso que o sol cobre.
Quando uma desgraçada entra no antro desse monstro, se tem dinheiro, ou sabe o modo de o arranjar, está perdida. A fera segura a victima e tortura-a até reduzil-a a nada!
— Tem-lhe extorquido sommas avultadas.
— Ao todo, tres mil libras.
— Como poude a senhora arranjar tanto dinheiro? perguntou Holmes com uma vivacidade de que logo se arrependeu.
— Tinha umas joias que foram de minha pobre mãe. Já vendi todas!
Mas, Dan Harper é insaciavel. O maldito exige ainda de mim uma somma de mil libras! Figure, sr. Holmes, mil libras que devo dar amanhã sob pena de meu pae saber tudo!
— E, é forçoso que lhe entregue esse dinheiro sómente em casa delle?
— Sim. Exigia-o para hoje. Mas, já lhe pedi que esperasse até amanhã...
— E, amanhã, terá o dinheiro?
— Como quer o senhor que eu arranje tão grande quantia?
— Mas... e o seu amigo? Foi elle quem a collocou nessa terrivel situação...
E' pobre??
— Não sei!

— Não quer dizer-me o seu nome?
— Antes morrer, sr. Holmes.
— Nunca lhe disse que Dan Harper a perseguia, e que, por causa delle, a senhora estava sendo a victima desse miseravel?
— Deixe o meu amigo fóra de tudo isto, exclamou Edith, com vivacidade.
Não posso dizer-lhe nem o seu nome, nem coisa nenhuma que lhe diga respeito.
Mas se quizer auxiliar-me, sr. Holmes, é necessario obrar depressa e energicamente. E' necessario que ainda hoje va, em segredo, á casa de Dan Harper.
Vá, sob qualquer disfarce, e apresente-se-lhe como quem quer tirar um dente por exemplo.
Ha de recebel-o á grado. Faça de modo que entre pela porta da esquerda no compartimento contiguo, e lá encontrará indicios sufficientes para o prender logo.
— Perfeitamente respondeu Holmes firmando o queixo na mão, e olhando para Edith com muita attenção. Mas, suppondo que conseguimos metter esse malandrax na prisão, de que nos servirá isso? Seguir-se-á um processo, em que a senhora será compromettida, e, comsigo, sem duvida, muitas outras damas de Londres!
— E, mesmo que assim fosse, não teria eu a consolação de ver castigado esse miseravel? E, demais, pode-se abafar o processo!
O juiz de instrucção pronunciará audiencia secreta, e salvará assim a honra de muitas familias.
— Excellente idéa! respondeu Holmes, depois de uma pausa.
Está bem! Ficamos entendidos, miss Edith. Esta noite, entre ás 6 e 7 horas, estarei em casa de Dan Harper, disfarçado, naturalmente, e com uma terrivel dôr de dentes.
— E' o meu salvador! disse a formosa mulher, radiante, com um aperto de mão.
Tenha a certeza que lhe serei grata toda a minha vida. Então, sem falta, esta noite, não é verdade? Amanhã seria muito tarde.
— Esta noite: entre ás 6 e 7 horas, estarei em casa de Dan Harper, repetiu Sherlock Holmes.
Esteja descançada, miss Edith. Talvez eu consiga arrancar-lhe o segredo e tornal-o mudo a esse respeito, entalando-o na alternativa de ser preso ou entregando-me immediatamente todos os seus papeis: sem provas ficará desarmado.
Edith, chorando novamente, muito agradeceu a Holmes, e despediu-se.
Depois da porta fechada, o detective sorriu, sem dizer nada. Fez estalar as juntas dos dedos, e os seus olhos trahiram uma satisfação sem limites.
— O laço não foi mal armado! disse elle a meia voz.
— De modo que esta noite, entre 6 e 7 horas, irei a casa de Dan Harper... metter-me na bocca do lobo.
"A interessante historia desta miss Edith é bem achada! Ella prova-me, simplesmente, que os moedeiros falsos sabem bem que eu ando um pouco mettido nos seus negocios.
"Talvez conheçam a minha visita ao governador do Banco de Inglaterra. Como não me pediram que lhes advogasse a causa, estão no seu direito. Mas, este damnado Sherlock Holmes mette o nariz por toda a parte e é necessario pois, desvial-o agora, á força.
"Realmente, estou com sorte, neste negocio. Já conheço quatro membros da associação.

"Brooks Junior, que é um delles, com certeza, esta encantadora Edith, o dentista Dan Harper, e finalmente, o mysterioso amante de Edith, que me está a parecer o chefe da honesta sociedade. Mora em Springfild, segundo ella me disse.

"O que ha de notavel nestes criminosos é que todas as suas invenções concordam com a realidade.

Será verdade que em Springfield está a fonte de toda essa moeda falsa que, de ha pouco, inunda a Inglaterra?

Mas, está perto a hora de jantar. Vejamos: hora e meia antes das 6. Ainda tenho tempo de fazer alguns preparativos.

— O jantar está prompto, Mrs. Bonnet?

— Promptinho, senhor Holmes, respondeu a criada. Harry já tinha chegado.

— Então, traga-o para a mesa, e diga a Harry que venha.

Sherlock entrou no seu quarto e pôz-se ao espelho para arranjar a cabeça.

— E' pena que eu tenha uns dentes tão bons! disse elle a meia voz. Nenhum que esteja furado! Emfim, a desculpa pode ser algumas fortes dores nevralgicas... Ah! a sopa que chega. Está lá, Harry? Vamos para a mesa.

Meu caro Harry, é, talvez, a ultima refeição que tomarei neste mundo. Daqui a uma hora vou metter-me nas garras de terriveis criminosos.

Harry, muito assustado, deixou cahir a colher, que ia levar á bocca.

— Então, rapaz! nada de sustos! Não é bicho de sete cabeças a coisa; uma pequena aventura, como tantas que temos tido. Come, Harry!

E Sherlock deu-lhe o exemplo.

## CAPITULO IV

### UMA OPERAÇÃO DENTARIA

Quando Sherlock acabou de jantar, repousou ainda uma meia hora fumando no seu cachimbo; depois, levantou-se, para ir acabar o disfarce. Pôz uma cabelleira que lhe dava, quasi, apparencia de idiota. Queria imitar em si a cabeça de um laponio irlandez. Completou a semelhança com umas grandes e pesadas botas, um chapéo de feltro, um collete de raminhos, uma sobrecasaca com botões de prata, e um grande capote de cabeção.

Não pôz barba postiça. Mas, tinha tal arte no compor dos traços physionomicos, que nem o seu melhor amigo era capaz de o conhecer.

Chegou a dar á cara uma tal expressão de simplicidade, que tocava as raias da cretinice.

Passando uma revista ao seu trabalho de caracterização, que julgou obra prima, tirou da gaveta da secretaria um bocado de fazenda vermelha, que parecia fina e flexivel.

Harry seguia com muito interesse os preparativos do mestre. Sabia que alguma coisa aprenderia, e que o thesouro de disfarces com que o policia conseguia imitar o que queria, era inexgotavel.

— E isto, que é? perguntou elle, pegando no estofo vermelho.

— Repare bem, meu rapaz! Vou empregar uma coisa que nunca viste, por me não ter sido ainda preciso.

Sherlock cortou com uma tesoura uns bocados daquillo, e enrolou-os muito bem nas mãos.

— Que é que está fazendo?

— Rolhas.

— Para garrafas?

— Não, para as ventas.

E Sherlock, ao espelho, com auxilio de uma pinça, metteu as duas rolhas até ao fundo das fossas nasaes.

Harry meneou a cabeça, como quem nada percebe. Geralmente, nada que o mestre fazia lhe causava surpreza, mas, este extraordinario processo causou-lhe certa estupefacção.

— Diga-me lá, senhor Holmes, para que é que mette gutta-percha no nariz?

— E' simples; para não ter olfacto: e o mesmo vou fazer ás orelhas, para não ouvir. Necessito estar assim uma hora, e para que nada poder entrar-me pela bocca, bastará pertar bem os dentes e os beiços.

— Mas para que são todas essas prevenções, mestre?

— Filho, respondeu o policia, pondo-lhe a mão no hombro, estas rolhinhas de gutta-percha que introduzi pelas ventas são o melhor meio de inutilizar as tentativas de um criminoso, que deseje anesthesiar-me com um narcotico. Faço tenção de me deixar dormir, com a differença, de ficar acordado e descobrir assim coisas interessantes.

Agora, ouve lá. Vou dirigir-me a Cavendisch-square, á casa de Dan Harper, em cuja caixa de correspondencia encontraste o tal bilhete de visita. E' possivel que eu não saia de la tão depressa. Tu ficarás vigiando a porta, a ver se de lá sae algum objecto de dimensões, como mala, cesto, talvez até, um caixão de defuntos.

Se assim acontecer, já ficas sabendo que eu vou destro desse objecto.

Mas, se até amanhã pela manhã não vires sahir nada disso, corre depressa á casa do capitão da policia Forster, e dize-lhe que lhe peço o favor de entrar em casa de Harper e revistal-a minuciosamente. Percebes?

— Muito bem. Esteja descançado.

— Em todo o caso, dá-me cá o revolver, um box e uma bengala de estoque. Bem, meu rapaz. All right! Até nos vermos!

Eram seis horas e dez, quando Sherlock sahiu da sua casa.

Auxiliado pela escuridão, foi andando sem ninguem dar por elle, entrou num carro, que, em carreira forçada, o pôz em Cavendish-square.

(Cont. na pag. seguinte)

A casa em que o dentista morava era uma casa de rendimento, desoccupada em parte.

Dividida em espaçosos e confortaveis andares, tinha inquilinos de fortuna.

Subindo a escada, Sherlock foi lendo todas as placas de metal e marmore, fixadas por baixo dos botões das campainhas. Mas, não viu nome nenhum conhecido.

O dentista morava no terceiro.

Debaixo da campainha, havia uma solida caixa de metal para cartas.

O policia entrou a puxar pelo cordão com força, dando ás feições uma expressão, ao mesmo tempo, de tolo e magoado.

Depois de chamar tres ou quatro vezes, ouviu passos dentro. Abriu-se a porta. O policia notou que esta porta era forrada de modo a quebrar as ondas sonoras.

Indubitavelmente, o famoso dentista não queria que os gritos de dor dos seus clientes se ouvissem na escada, nem mesmo na visinhança.

Appareceu um homem, cujo aspecto denotava uma existencia mysteriosa.

Tinha a cabeça maior que a de Sherlock Holmes, que, ainda assim, era acima do regular. Alto, magro, a Sherlock, á primeira vista, pareceu um homem treinado em exercicios physicos, de ossos de ferro, e de aço os musculos.

Era antipathico de rosto, mas devia agradar a muitas mulheres.

O craneo, calvo e liso, e, por baixo do nariz, em bico de guia, barba farta e comprida, que lhe chegava quasi á cintura.

Olhos, penetrantes. A sua expressão trahia o habito de ler nos pensamentos de outrem, e o olhar traiçoeiro.

— Que quer? perguntou elle com modos grosseiros. Ia-me quebrando o cordão da campainha! Ponha-se lá fóra seu selvagem!

— Desculpe, senhor doutor, lamuriou o policia em voz lamentosa. Os meus dentes... ah! os meus dentes... pagarei o que quizer, mas, acuda-me...

— Ah! é para isso que vem? não tenho vagar agora. Vá ter com algum collega. Vá a casa...

— Por quem é, arranque-me estes malditos, que já não sei que ha de ser de mim... depressa... depressa...

— Vamos lá, entre, disse Harper, levando Sherlock adeante. Por aqui... por esta porta... eu já venho.

Holmes abriu a porta e entrou no gabinete do dentista, horrivelmente mobiliado, como são todos, em geral.

Entrando ali tinha-se a sensação de que Harper exercia realmente a sua pacifica profissão, e dividia o tempo entre a prothese e a synthese.

Defronte da janella, estava o famoso fauteuil, que permitte ao operador dar ao paciente todas as posições imaginaveis.

Sherlock ficou de pé atraz da porta, apoiado na bengala, perscrutando com a vista todos os cantos da sala.

— Não resta duvida, disse elle para si, que o denominado Dan Harper, dentista, sabe quem eu sou e para que venho. Veremos qual de nós ganha a partida...

Abriu uma porta lateral e appareceu Dan Harper.

— Vamos lá a isto. Sente-se ali. Primeiro vou examinar-lhe a bocca. Pelo que vejo, o sr. veiu do campo?

— Sim, meu bom sr., sou da Irlanda.

Vim a Londres para vender uns legumes. E, provavelmente, apanhei alguma corrente de ar, que me faz soffrer, como não imagina.

— Em cima ou em baixo? perguntou Harper, quando o policia se sentou na cadeira da tortura.

— Em baixo, em cima, em toda a parte, respondeu Holmes, com voz dolorosa.

— Ah! cá está: dois dentes do siso cariados. Não têm importancia nenhuma e é necessario arrancál-os. Mas, amigo, olhe que eu vou fazel-o soffrer muito! E' melhor deixar-se adormecer.

— Faça o que quizer, comtanto que se acabe este inferno.

— Bem! Estenda-se além naquelle fauteuil, muito á sua vontade... Vou tapar-lhe o nariz... não sentirá nada por alguns minutos, e, quando acordar, está o negocio feito.

— Depressa, doutor! depressa! arranque-me os que quizer visto que está com as mãos na massa. O que eu desejo é não soffrer mais!

Dan Harper recuou um pouco. Pegou num frasquinho e depois despejou numa almofada de lã algumas gottas de um liquido incolor, e aproximou-se com um verdadeiro arremeço de tigre do policia, estendido no fauteuil, e applicou-lhe a almofada ao nariz.

Sherlock Holmes fechou os olhos, enrilhou os dentes, para que nenhum atomo do soporifero pudesse entrar-lhe na bocca. Emquanto ao nariz, as rolhas de gutta-percha desempenhavam bem o seu papel, como nas orelhas, por onde os vapores do chloroformio não podiam penetrar no cerebro.

Durante os primeiros dez minutos estremeceu, de vez em quando, dos pés á cabeça. Depois, entesou-se todo e ficou immovel.

Dan Harper recuou. Lançou a almofada no fogão, onde levantou grande labareda e abriu a porta.

— Entrem! bradou elle. Appareceram tres sujeitos.

— Até que emfim! O nosso mais perigoso inimigo, Sherlock Holmes, pertence-nos, está em boas mãos.

## CAPITULO V

### UMA JORNADA EM CAIXÃO

Sherlock Holmes reconheceu a voz de quasi todos que acabavam de entrar.

Quem agora estava falando com o dentista, era miss Edith Brocks. Ouviu-se uma voz. Era a do irmão secretario do Banco de Inglaterra.

A terceira elle não a conhecia.

Sherlock Holmes adivinhou apesar de não poder abrir os olhos que pertencia ao amante de miss Edith Brocks ao desconhecido de Springfield, áquelle que a rapariga dizia tel-a seduzido.

Era voz de um moço dos seus vinte annos, pouco mais ou menos.

— Mas tem a certeza de ser elle? perguntou o ultimo interlocutor, aproximando-se do fauteuil em que jazia o policia.

— Se é! Traz cabelleira postiça. Em se lhe tirando, logo verificarão se me enganei! respondeu o dentista.

E este, levantou-se e arrancou o chinó.

— By Jove! não tem duvida, é o proprio Sherlock Holmes todo inteiro declarou o homem de Springfield. Eu nunca o vi mas os jornaes illustrados tem publicado o seu retrato muitas vezes.

Isto é o que se chama uma boa e preciosa presa. Desembaracemo-nos logo do mais terrivel dos nossos inimigos!

— Indubitavelmente, se não fosse a perspicácia de William não lograriamos nunca alcançar tão grande victoria; a elle é que devemos isto!

— Não tem duvida nenhuma, confirmou o secretaria do Banco.

"Valeu-nos ainda assim aquelle microphone que eu installei no gabinete do governador, e que me permitte, graças ao receptor collocado em cima da minha secretaria, ouvir tudo o que se passa no gabinete do chefe!

"Meninos, preciso lhes confessar que fiquei assombrado quando soube que não tinha introduzido no escriptorio do patrão uma especie de palurdio um homem, que dizia chamar-se Charles Knox, e era bulicoso e inquieto como o diabo dentro de pia de agua benta.

"Machinalmente, tinha applicado o receptor ao ouvido para gozar a explosão de raiva do governador, quando ouvisse a reclamação daquelle rustico.

"De repente gelou-se o sangue nas veias! Ouvira a seguinte phrase:

"Sou Holmes, e peço desculpa de vir incommodal-o."

"A minha obrigação era escutar, e juro-lhe que me não escapou nem uma syllaba.

"Figurem! Esse Holmes propôz ao patrão, metter-se numa caixa que levariam para os subterraneos do Banco, precisamente no compartimento do ouro — prova provada de que elle desconfia que lá é que se faz a trapicancia da troca do falso pelo bom.

— Como diabo daria elle com isso? perguntou Harper. Parece impossivel. Ninguem pode suppor que toda a moeda falsa que actualmente inunda a Inglaterra, e que nós fabricamos em sitio seguro, seja trocada nos proprios subterraneos do Banco!

— E' melhor fecharmos o bico sobre semelhante assumpto que pode elle ouvir! interrompeu o Springfield.

— Elle, ouvir, disse o dentista, a rir. Não tem duvida. Dei-lhe uma dose capaz de asphyxiar um boi.

"Vejam: está teso como um espeto! Os olhos, meio fechados e a pupilla no ar.

"Os dedos encarquilhados... São symptomas do somno chloroformico...

"Estejam descançados, meus caros amigos! Holmes estará uma hora nesse estado a não ser que eu o acorde antes.

"Já vês, conde Ulmwood, que os teus receios são infundados.

"Podemos tratar de todos os nossos negocios secretos nesse quarto, sem que elle ouça uma palavra. E mesmo que ouça alguma coisa, parece-me que não pode escapar-nos.

"Apanhamos o ensejo de livrar a gente digna, como nós de um sujeito que lhe tem posto o sal na moleira.

Nem palavra desta conversa, Holmes perdeu.

Bem longe de inquietar-se felicitava-se, pelo contrario das suas manhosas habilidades, que lhe entregavam a companhia toda.

Percebia o perigo da situação. Mas, não pensava na sua pessoa, quando se tratava de attingir um fim, e de utilisar os seus talentos de policia para fazer triumphar a boa causa.

— O que está feito não basta; é necessario reunir conselho, disse o conde Ulmwood. Sentemo-nos á roda desta mesa.

"Temos coisas serias a decidir — accrescentou.

"Possuimos uma enorme porção de dinheiro falso a passar. Pode vir para Londres a toda a hora. Trata-se de saber se é momento asado de o introduzir nas cavernas do Banco. Que dizes, William?

— Creio que ainda é possivel, respondeu este.

"Edith empregará o meio mais facil. Meu pae sentir-se-á fatigado e pedirá que eu o substitua.

"Para nós é uma mina que o velho não queira confessar a idade.

"Por mais de dez vezes lhe têm offerecido a reforma mas elle responde que ainda está muito novo.

"E' por isso que ainda se conservava naquelle serviço, e eu o substituo muitas vezes na semana. Graças a esse estratagema, podemos com toda a segurança trocar o ouro que fabricamos pelo verdadeiro, que está nos armarios de ferro.

(Cont. na pag. seguinte)

— Exactamente o que eu palpitei, pensou Holmes, ouvindo aquillo.

— Que somma tem já preparada? perguntou Harper.

— Cem mil libras em moedas de ouro, de cinco soberanos. Sairam perfeitas. Pesam exactamente o mesmo que as verdadeiras.

— Sim; mas é necessario arranjar machina melhor para cortar as rodellas, disse William.

Quando escutei a conversa de Holmes com o governador, ouvi este dizer que as nossas moedas eram absolutamente perfeitas, excepto no corte. E' uma circumstancia importante a estudar, porque nos podem apanhar por essa imperfeição.

— Não temos nada que recear, disse Edith a seu irmão.

Harper continuou.

— E quanto tencionam ainda fabricar?

"Parece-me prudente não levar muito longe o negocio.

"Mais umas cem mil libras, e já é uma bonita somma; e quando as tivermos passado, e dividido os lucros, cada um terá arrecadado uma somma muito razoavel.

— Cem mil libras! não é bastante, observou o conde Ulmwood.

"Para que havemos de parar em tão bom caminho? Esquecem-se, talvez, que temos que partilhar os ganhos com mais alguem...

"Primeiro, o prior e o sacristão — não esquecendo o Allemão que gravou os cunhos — finalmente John e Parkins, os meus dois criados, que se encarregam dos transportes e que nos prestam grandes serviços no fabrico.

— Vejamos lá quantos são, disse Harpes, pegando em papel e lapis.

"Nós, a bem dizer, somos os principaes accionistas da empreza.

"Naturalmente ficaremos com a parte do leão.

"Eu satisfaço-me com a bagatella de vinte e cinco mil libras, por ter já arranjado o meu peculiosinho como todos vós.

"Quando tivermos fabricado outras vinte e cinco para o prior, sacristão e Allemão, cada um ficará com as suas cinco mil. Para quem é, isso é bastante.

"E paremos com o negocio. Anda-me um diabo, ha dias, a buzinar ao ouvido que a coisa não pode continuar bem por muito tempo.

— Ora essa! Quem nos ha de trahir? exclamou William. Os outros, são gente de confiança.

— Cá por mim não gosto muito do Allemão, disse Harper.

"Nunca nos deviamos ter mettido com aquelle animal. E' soberbo, faz só o que entende, e declara que todo o trabalho e cuidados estão a seu cargo.

"A ultima vez que lhe falei, disse-me, com todas as letras, que queria ganhar tanto como nós.

"Bem averiguado, pretendia elle, o maior trabalho, e scientificamente falando, sou eu quem faz.

— Que te parece, William? Que dizes a isso?

— Realmente, tivemos a sorte de encontrar aquelle homem logo no começo da empresa, e, se não fosse isso, não teriamos dado um passo.

"Quem fez tudo aquillo, machinas, cunhos e o mais foi o allemão, e com perfeição de artista consummado.

"Infelizmente, foi impossivel esconder-lhe o fim para que se fazia tudo aquillo. Mas, eu respondo pelo homem e garanto a sua fidelidade.

"Encontrei-o a morrer de fome e frio nas ruas de Londres. Recolhi-o, e, agora, lá está installado na sua casinha de Springfield, feliz, como um gallo em gallinheiro.

— Eu cá, repito, não sympathiso com o typo, observou Harper.

— Pois sim; mas é que precisamos delle e é-nos indispensavel, disse o conde.

"E, demais, quando aquelle desapparecer, continuou o fidalgo, apontando para Holmes, quem poderá incommodar-nos?

Toda a policia de Londres junta não lhe chega aos calcanhares.

— Mais um motivo para darmos cabo delle quanto antes. Como ha de ser isso?

Agora está o espertalhão mergulhado em um somno lethargico; seria facil transformal-o em repouso eterno. Algumas gottas de veneno ou uma picadinha de bisturi...

— Desejava não ter cadaveres em minha casa, reclamou Harper.

"Tenho outro plano.

"Já se vê que elle deve morrer. Deve desapparecer, não aqui, mas em Springfield.

— Isto vae bem, disse comsigo o policia. Não tarda que eu conheça a seductora estancia.

— Já dispuz as coisas nesse sentido, accrescentou Harper.

"Vamos mettel-o, assim como está, num caixão que ali tenho.

"O conde Ulmwood leva-o no seu carro para Springfield.

"Aparafusa-se muito bem o caixão. Pode acordar no caminho, e, assim, não poderá escapulir-se.

— Bonita prespectiva, não tem duvida! pensou Sherlock. Mas, estejam descançados, meus bandidos, que lhes hei de dar que fazer. Felizmente não me esqueci de trazer um instrumentozinho com que posso abrir uns furos, se fôr necessario.

— Em Springfield é simplesmente enterral-o. O prior e o sacristão, que ajudem.

"Quando elle tiver algumas pés de argila sobre a barriga, veremos se virá metter o nariz nos nossos negoicios.

*(Continúa no proximo numero)*


**PREÇO DAS ASSIGNATURAS:**

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 48$000
Semestre (26 » ) .... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 70$000
Semestre (26 » ) .... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 78$000
Semestre (26 » ) .... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 115$000
Semestre (26 » ) .... 60$000

*As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.*

**FON FON**

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso

Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

*Toda a correspondencia deve ser dirigida á*

EMPRESA

FON - FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa ......... 1$000

Numero atrazado ..... 1$500